

ISSN 2965-6192



Revista Sarau

Volume 5 - número 14 - maio/junho de 2025

<https://revistasarau2.wixsite.com/website>

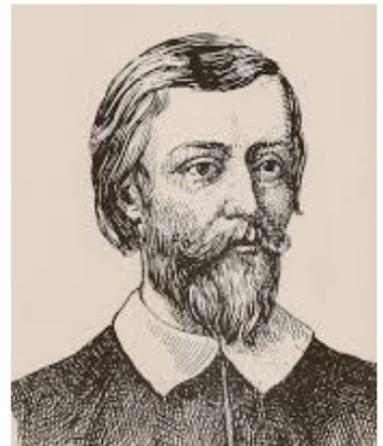
POESIAS/CONTOS/CRÔNICAS E ARTES VISUAIS



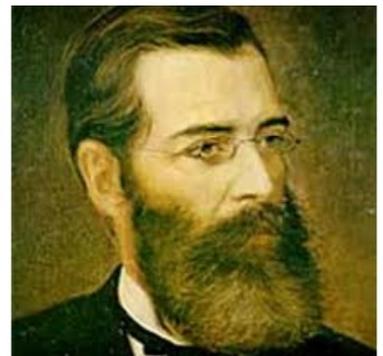
Marcelo Rubens Paiva



Marina Colasanti



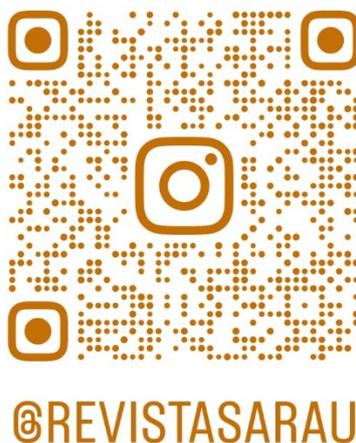
Gregório de Matos



José de Alencar

AUDIODESCRIÇÃO MAIO / JUNHO DE 2025

Descrição da imagem: capa com fundo branco. No topo, em letras pretas, “ISSN 2965-6192” e o código de barras; “Revista Sarau”; “Volume 5 – número 14 – maio / junho de 2025” e o endereço eletrônico. Abaixo, à esquerda na vertical: “POESIAS/CONTOS/CRÔNICAS E ARTES VISUAIS”. À direita, ao centro, o escritor e dramaturgo brasileiro Marcelo Rubens Paiva, a escritora ítalo-brasileira Marina Colasanti, o poeta brasileiro-português Gregório de Matos e o escritor brasileiro José de Alencar. A foto grande colorida e em destaque de Marcelo: homem branco, cabelos curtos, lisos e grisalhos, olhos escuros e barba grisalha; usa camisa preta com gola de mangas curtas e segura o livro com o título “ainda estou aqui”; fundo na cor bege claro. E à direita, de cima para baixo, a foto colorida de Marina: mulher parda, cabelos castanhos escuros, presos para trás com um lenço estampado; olhos claros, usa batom e blusa com gola, ambos na cor rosa; fundo na cor bege. O desenho em preto e branco de Gregório: homem de pele clara, cabelos curtos e lisos, olhos escuros e barba longa; usa camisa escura com golas brancas; fundo na cor cinza claro. A pintura de José de Alencar: homem branco, cabelos curtos, lisos e castanhos escuros; olhos escuros, usa óculos de grau, barba longa; fundo embaçado.



POLÍTICA DE DIREITOS AUTORAIS

Copyright © dos trabalhos pertencem aos seus autores. Todos os direitos reservados.

Os autores e artistas que publicam seus trabalhos na Revista Sarau concordam com os seguintes termos:

- Os textos e imagens publicados na Revista podem ser reproduzidos em quaisquer mídias, desde que a utilização seja isenta de fins lucrativos e sejam preservados os nomes de seus autores e a fonte;
- O conteúdo de cada texto ou imagem, aqui publicadas, é de exclusiva responsabilidade de seus autores e tais conteúdos não refletem, necessariamente, a opinião da Revista;
- Toda participação na Revista Sarau ocorre de forma gratuita.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:

<https://revistasarau2.wixsite.com/website>

EXPEDIENTE

Volume 5 – número 14 – mai. / jun. de 2025

Fortaleza – CE – Brasil

Publicação Bimestral

Distribuição Gratuita: On-line

EDITOR CHEFE:

Nonato Nogueira

JORNALISTAS:

Tiago Rocha de Oliveira - Registro nº MTB/JP 01293-ES

Gerardo Carvalho Frota - Registro nº 1679-CE, em 21/03/2005. DRT 002936/00-92

CONSELHO EDITORIAL:

Nonato Nogueira (Editor)

Afrânio Câmara (UERN)

Luciana Bessa (UFCA)

Gerson Augusto Jr. (UECE)

Elaine Meireles (Editorial)

Ivan Melo

Colunistas:

José Roberto Morais

Néia Gava

Péricles Melo

Rangel Flor

Eduardo Fontenele

Elaine Meireles

REVISÃO E NORMATIZAÇÃO:

Elaine Meireles e Ivan Melo

DIAGRAMAÇÃO:

Nonato Nogueira

CAPA:

Reprodução da foto de Marcelo Rubens Paiva, Marina Colasanti, Gregório de Matos e José de Alencar

AUDIODESCRIÇÃO:

Ana Paula Marques

CONTATO:

revistasarau2@gmail.com

Instagram: @revistasarau

<https://revistasarau2.wixsite.com/website>

A Revista Sarau é uma revista de Literatura, Música, Cinema, Teatro e Artes Visuais. É uma publicação eletrônica, de submissão aberta, publicada bimestralmente por escritores e artistas comprometidos com a divulgação da Literatura e da Arte em nosso país.

SUMÁRIO

- 5 Editorial
- 6 Os muitos títulos de Marina / Lucirene Façanha
- 7 Arte Visual – Cajus / Amauri Flor
- 8 Relembrando Marcelo Rubens Paiva / Luiza Pontes
- 9 Coluna entre Malditos e Marginais / Péricles Melo, Rangel Flor e Eduardo Fontenele
- 13 Escritoras Cachoeirenses / Néia Gava
- 16 Coluna Clics do Sertão / José Roberto Morais
- 18 Arte Visual – Cartum ao modo nonsense / Carlos Nascimento
- 19 Coluna Mosaico Artístico-cultural / Elaine Meireles
- 25 Arte Visual – Casinha feita de papelão / Ferreira Lima
- 26 Versos de Alencar: o Brasil em cada linha / Lucas Gabriel Alves de Morais
- 27 José de Alencar, o escritor cearense / Maria Patriolino
- 28 Guarapirã / Gerson Augusto Jr.
- 30 A poesia de Sophia Jamali Soufi
- 31 Reverso / Patrícia Leite
- 32 Pedra de Itacaiúnas / Carlos Henrique Carrilho Cruz
- 33 Revista Sarau / Luciana do Rocio
- 34 O que sobra depois / Enrico Pierro
- 35 Ainda tenho medo do escuro / Sergiane Gomes de Lima;
A leve onda do Sul – A Marcelo Rubens Paiva / Sebastião Amâncio
- 36 Aqui vaz um poema / Ricardo Lacava
- 37 Recomece / Edilândya Alves da Silva
- 38 O que o olho vê? / Harry Carneiro;
Tratado / Isabel Barros
- 39 Fragmentos / Gabriel Matias
- 40 Art Collage – Sangue Latino-americano / Beny Barbosa
- 41 O último suspiro da natureza / Iasmine Gomes de Lima
- 42 Todas as declarações de amor são urgentes, pois nós vamos morrer / Sarah de Andrade
- 44 O amaranhado que sou / Rafa Chagas
- 46 A casa dos gritos lancinantes / Beny Barbosa
- 48 Diagnóstico / Alícia Maria Pereira Gabriel
- 50 O Ceará é maior que o Brasil? / Fernando Gurgel
- 52 Uma novela sobre a perda da inocência / Eduardo Fontenele
- 54 Ecos de uma trajetória docente: a literatura e o ensino na voz do Professor-pesquisador-extensionista
Doutor Francisco Afrânio Câmara Pereira / Gustavo Tanus

EDITORIAL

Elaine Meireles

ponchetart1@gmail.com

Guerra entre nações, conflitos religiosos, contendas ideológicas, atritos familiares marcam o perfil da sociedade contemporânea. Toda essa realidade não seria tão mais chocante, não fosse essa a mesma sociedade que clama por paz, decreta a harmonia entre os irmãos, exige uma vida sustentável, defende a inclusão social e racial. Contudo, observa-se que surgem pequenas células, aqui e acolá, de cidadãos compromissados com o bem-estar da Humanidade e do Planeta, que contribuem para a renovação de comportamentos e atitudes, dando-nos a esperança que dias melhores poderão vir.

Reverter esse quadro, apesar de um contexto desanimador, acende em nós luzes que nos conduzem a certeza que $1 + 1 = 1.000$. Acontecimentos, aparentemente isolados, criam correntes de reciprocidade, compondo um gigantesco fluxo de proximidade, criatividade e de solidariedade.

A mudança de comportamento, a avaliação das atitudes da sociedade e do ser humano, não é uma exigência nova. Ao longo dos séculos, ela se faz presente, entre tantos caminhos, através da Arte, ajudando-nos a fazer uma revisão de conduta.

No século XVII, Gregório de Matos com sua poesia irreverente, traçou um painel da Bahia mergulhada na exploração e manipulação de sua gente e de sua terra. No século XIX, José de Alencar cria uma idealização do indígena, da mulher e dos valores morais da burguesia. No século XX, encontramos a mulher em destaque, revendo seu desempenho no dia a dia, o que constamos na prosa e artes plásticas de Marina Colasanti. Chegamos ao século XXI, com a reflexão de um período obscuro de nossa História, e que Marcelo Rubens Paiva muito bem relata em seu livro “Ainda estamos aqui”.

Recentemente, tivemos grandes emoções, distanciando-nos das hostilidades e divergências, quando Fernanda Torres recebe o Prêmio Globo de Ouro de Melhor Atriz em Filme de Drama, Walter Salles recebe o Oscar de Melhor Filme Internacional, o quando muito dos nossos Articulistas e Leitores brilharam na Bienal Internacional do Livro (2025 - Fortaleza/CE) – com destaque para a Revista Sarau e a produção textual de seus escritores.

Por fim, convidamos nossos leitores a alimentar-se da Esperança e movidos pela Alegria, pilares da vida do Papa Francisco, a superar as dificuldades, na construção de uma vida plena.

Boa leitura!

Os muitos títulos de Marina

Lucirene Façanha



Foto: Divulgação

Descobri, após sua morte, os muitos feitos de Marina Colasanti. Alguns, não diriam, plenos de arrogância, não se entregariam, assim. Pude pesquisar sua grande obra, seu grande legado. Inúmeros prêmios. Nove **Jabutis** ao todo. Um machado, que ela sempre dizia pelo conjunto da obra. incontáveis prêmios. Entrevistas em todos os campos da mídia.

Sobre sua família, Marina diz que a Segunda Guerra os trouxe para o Brasil, em 1948, trazendo livros, doados por amigos, que nunca abriu.

Marina Colasanti possui uma escrita voltada para o público infantojuvenil, além de sua prosa e poesia para adultos. Apesar de não ter folheado seus livros, porque não os busquei, assisti um esquete seguido de palestra, algum tempo: *A moça tecelã* é um conto com uma história deveras interessante, que traz o protagonismo na criação de sua personagem, com o realismo fantástico e com a crítica social.

Marina era formada em Artes Plásticas, foi jornalista, deixou mais de 50 títulos de poesias, contos e crônicas publicadas no Brasil e no mundo. Suas obras são, em geral, compostas por um narrador observador, consciente, introvertido e amante da leitura. Foi tradutora, ilustrou muito de suas obras, apresentadora de programas televisivos, uma carreira multifacetada. "*Não existe metro, nem fita métrica para medir a felicidade*". Faço das suas palavras, a felicidade de descobri-la após sua partida. No seu livro, **Eu sei, mas não devia**, encontramos: "*A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. Se acostuma para evitar feridas, sangramentos, para esquivar-se de faca e baioneta, para poupar o peito. A gente se acostuma para poupar a vida. Que aos poucos se gasta, e que, gasta de tanto acostumar, se perde de si mesma*".

Lucirene Façanha se fez escritora nos projetos do SESC, embora escrevesse desde criança. Possuía pilhas de cadernos e diários amarelados do conhecimento apenas de sua mãe. É graduada em História com Especializações em Ensino. Tem dois contos longos em e-book na Amazon: **O Elo** e **Silêncio sobre algodão**. Livros físicos: **O homem na janela**, **Hecatombe** e **Pedro e a noite de São João**.

Cajus



Amauri Flor é um artista de Lagoa Seca-PB, começou em 1982 no Liceu Paraibano, em João Pessoa. Inspirado pela poesia de Chiara Lubich, desenvolveu um estilo surrealista/figurativo com grafite e nanquim. Premiado em 2012 pelo Salão de Artes Visuais do Sesc PB, segue expondo suas obras. Desde 2020, vive em Catolé do Rocha, retratando a paisagem da caatinga e a arquitetura Art Déco local.

RELEMBRANDO MARCELO RUBENS PAIVA

Luiza Pontes

Ainda me lembro da primeira vez que tomei em minhas mãos o livro "Feliz Ano Velho" de Marcelo Rubens Paiva, relembrando o período em que recebia as ofertas do Clube do Livro, quando adquiria alguns exemplares de capa dura de alguns clássicos nacionais e internacionais.

Este livro do Marcelo me chamou a atenção porque foi publicado em 1982, para, mais tarde, ser adaptado para o cinema. Foi um período rico em descobertas literárias, conhecendo o estilo criativo de Marcelo. Sendo o mesmo um dos primeiros a ocupar a minha biblioteca pessoal, pois se trata de um livro não-ficção, marcando sua estreia como escritor. Uma narrativa autobiográfica do autor, de forma humorada, terna e trágica, pois situa, o ano de 1979, em que ficou tetraplégico, com uma linguagem coloquial que chama a atenção do leitor, ou aborda a juventude do autor, as relações familiares e sobretudo, a busca para o novo sentido da vida, após o acidente. E olhe que Marcelo é romancista, dramaturgo e roteirista também. Enquanto lembro do livro, passo os olhos pela minha estante pessoal e vou relembrando o contexto de cada livro que adquiri. Feliz Ano Velho marcou também minha juventude.



Foto: Divulgação



Foto: Divulgação

LUIZA PONTES - Professora, Pesquisadora, Escritora, Dramaturga, Atriz e Diretora Teatral. Participou de coletâneas e antologias com a Academia da Incerteza, com o Grupo Resistência Mandacaru, com a Revista Sarau. Trabalha com performances teatrais, confecção de Scrapbook, participa de saraus da AABLA, da Revista Sarau, do Clube de Leitura Conversa, do Mulherio das Letras no Ceará, do Coletivo Lamparinas de Literatura Infantil...



COLUNA ENTRE MALDITOS E MARGINAIS

Péricles Melo - periclesmelo772@hotmail.com

Rangel Flor - rangelflor433@gmail.com

Eduardo Fontenele - robertoeduardo33@gmail.com

Gregório de Matos - o poeta boca do inferno

Péricles Melo

E, pois, cronista sou.

Gregório de Matos
Se souberas falar também falaras
também satirizaras, se souberas,
e se foras poeta, poetaras.

Cansado de vos pregar
cultíssimas profecias,
quero dar culteranias
hoje o hábito enforçar:
de que serve arrebenatar,
por quem de mim não tem mágoa?
Verdades direi como água,
porque todos entendais
os ladinos, e os boçais
a Musa praguejadora.
entendei-me agora?

Permiti, minha formosa,
que esta prosa envolta em verso
de um porta tão perverso
se consagre à vossa fé
sou já Poeta converso
Mas amo por amar, que é liberdade.

Gregório de Matos e Guerra (Salvador BA 1636¹ - Recife PE 1695). Poeta e magistrado. Filho de nobre português, senhor de engenho, inicia seus estudos no Colégio dos Jesuítas, em Salvador. Em 1650, parte para Coimbra, onde se forma em estudos jurídicos, no ano de 1661. Segue a carreira de magistrado e, a partir de 1672, representa a Bahia na corte portuguesa. Em 1674, propõe a criação de uma universidade na sua cidade de origem. Nesse mesmo ano perde o cargo, ao recusar o papel de inquisidor dos crimes do governador do Rio de Janeiro.



Foto: Divulgação

Fica viúvo em 1678. Três anos depois, faz votos religiosos. Retorna ao Brasil, em 1682, como vigário-geral e tesoureiro-mor do recém-criado Arcebispado. Indispõe-se rapidamente com as autoridades religiosas, entre outras razões, por recusar-se a usar a batina.

Passa a levar vida boêmia e desregrada, compondo versos satíricos contra as autoridades e os costumes, além de uma poesia erótica e amorosa, que lhe vale o apelido de Boca do Inferno. Denunciado ao Tribunal do Santo Ofício de Lisboa - Inquisição -, em 1685, sob a acusação de dirigir ofensas a Jesus Cristo, e de não tirar o barrete na passagem da procissão, tem seu processo anulado, provavelmente devido a influências familiares. Em 1694, para livrar-se da prisão, uma vez mais, é deportado para Angola, pelo governador da Bahia, de quem é amigo. Continua a levar uma vida tumultuada, à qual não faltam episódios mal explicados, como o envolvimento em uma rebelião de militares. Repatriado para Pernambuco, morre em 26 de novembro de 1695, em Recife, em consequência de febres contraídas na África.

A glória do ferido

Arames oníricos tecem minha coroa de espinho paranoide, eu achava que iria unir o céu e a terra, só me restou a sorte.

Farpas afiadas saem de olhares sem consideração, minha boca cospe balas de prata que acerta o vampiro chauvinista.

Grande mar de solidão olhares invernam minha alma, carrego Cruz Rubra de sangue Cruzado escorre nele lâminas que reflete pernas pornográficas. Me tragam a cabeça de João Batista. A glória do ferido. (Péricles Melo).

SANTO OU HEREGE? QUEM FOI O SANTO DO POVO EXCOMUNGADO PELA IGREJA CATÓLICA?

Rangel Furtado Flor

Cícero Romão Batista nasceu em Crato, no dia 24 de março de 1844. Teve uma infância marcada pelas dificuldades financeiras da família. Mesmo assim, teve acesso aos estudos por um tutor até matricular-se em uma escola régia e encaminhar-se para completar seus estudos no sertão da Paraíba.

Com a morte do pai, retornou a sua terra, temendo a falência da família, mas durante esse período foi acolhido por um padrinho muito rico, o coronel Antônio Luiz Alves Pequeno, o qual financiou seus estudos no Seminário da Prainha, em Fortaleza, Ceará.

É perceptível identificar aqui um homem místico, que desde pequeno já era conhecido por seguir a percepção e influência mística do seu povo. Ele mesmo anunciava ter visões e revelações que de certo modo o orientavam a seguir seu caminho de fé e devoção religiosa.

No interior do sertão nordestino não existia controle da Igreja Católica sobre a fé do povo (esse vácuo naquela época se dava pela falta da presença dos religiosos católicos no lugar). Assim, deu origem a uma religiosidade espontânea, com muito misticismo e manifestações que fugiam dos rituais oficiais da Igreja Católica. Por causa dessas influências místicas do jovem seminarista, o reitor daquela ordem religiosa, o francês Pierre Auguste Chevalier, sugeriu que Cícero não seja ordenado, mas foi em 30 de novembro de 1870 que dom Luís Antônio dos Santos o ordenou padre, apesar da não recomendação do francês.

Após ser ordenado, Padre Cícero Romão retornou para Crato. Em 1871, celebrou sua primeira missa em Juazeiro, pequeno povoado vizinho a sua cidade de Crato. Nesse mesmo ano, teve mais uma de suas visões: a visão sugeriu que ele ficasse naquele povoado e cuidasse das questões religiosas do lugar. Em 1872, se tornou capelão da capela de Nossa Senhora das Dores.

A vida do religioso mudou radicalmente em março de 1889, aos seus 45 anos. Durante uma missa, aconteceu um suposto milagre com uma devota, mulher, negra e pobre, de 28 anos, chamada por Maria de Araújo. O fato ficou conhecido como o Milagre da Beata - quando a hóstia consagrada se transformou em sangue no ato da comunhão -, o caso logo repercutiu e virou notícia nacional, trazendo curiosos de todos os lugares. O suposto milagre eucarístico acontecia com frequência no momento da comunhão. A Igreja Católica investigou o fato, desmistificando o ocorrido e tratando o assunto como grande heresia. Dom Joaquim José Vieira não aceitava o acontecimento,



Foto: Divulgação

anunciando que era falsa a transformação da hóstia em sangue e que não passava de um truque barato do religioso com a devota.

No entanto, o padre Cícero insistiu na manifestação do milagre, solicitando outra investigação a ser realizada na presença de dois padres e dois médicos. Todos foram irredutíveis em não reconhecer o fato como milagre. O religioso lutou sem êxito durante toda sua vida pelo reconhecimento da Igreja Católica. Devido a essa insistência, o religioso foi proibido de realizar missas, pregações e até de se confessar. Mesmo excomungado pela Igreja, o homem devoto não deixou de exercer sua influência naquele povoado, ao contrário do que a Igreja esperava. O movimento ganhou devoção e um número alarmante de peregrinação para acompanhar de perto os milagres de Juazeiro. Este acontecimento reforçou que a Igreja não aceita o sincretismo religioso existente naquelas pequenas vilas e comunidades em volta do lugar, mas

isso não importou. A afirmação foi a continuidade dos peregrinos para o vale do Cariri, tornando a região um lugar importante para o turismo local e religioso, beneficiando a todos e inclusive à Igreja.

O homem, agora venerado pelos pobres, mas excluído e marginalizado pela Igreja, consolidou forte liderança no povo de Juazeiro. Assim, surgiu o movimento de algumas lideranças, uma irmandade com mais de 10 mil seguidores fiéis que conseguiam ter poder e voz, garantindo mais fiéis e financiamento para o movimento religioso do lugar. “Padim Ciço” tinha grande influência na religião e na política. Em 1911, foi responsável pela emancipação do lugar e tornou-se o primeiro prefeito eleito naquele município. Logo em seguida, em 4 de outubro, veio o pacto dos coronéis, um acordo político no qual os coronéis se comprometeram em pôr fim às suas desavenças e apoiar o governo do Ceará.

Com a revolução de 1930, toda a influência política do padre definiu. Com a saúde debilitada e a idade avançada, restou aceitar o que seriam novos tempos. Perdeu a visão por uma catarata e com outros problemas de saúde, faleceu em 20 de julho de 1934, aos 90 anos, sem seus direitos restabelecidos.

O povo não esqueceu seu milagre. O lugar ganhou mais notoriedade com o passar dos anos. O lugar, antes conhecido como Juazeiro, se tornou Juazeiro do Norte em 1940, carinhosamente chamada como a “terra do Padim Ciço.”

Em 13 de dezembro de 2015, aconteceu sua reabilitação para a Igreja Católica. Ele foi aceito novamente como religioso para a história eclesiástica e para os documentos diocesanos. Diante de um novo estudo ele foi absorvido de seus pecados, o perdão veio após 79 anos de sua morte.

Ainda nos dias atuais, Padre Cícero não foi beatificado pela Igreja que o excomungou. A devoção e o sincretismo religioso do povo nordestino tiveram importante papel na construção desta história. Ainda assim, tornou-se santo do povo, responsável pelo grande impulso econômico do lugar e forte crescimento populacional.



O Romance Depressivo de Jack Kerouac

Eduardo Fontenele

O romance “Os Subterrâneos”, de Jack Kerouac, trata da relação amorosa do autor com uma moça negra, chamada Mardou Fox, nos Estados Unidos do período do jazz Bebop, nos anos 50. O romance é autobiográfico, como grande parte da obra de Kerouac. O relacionamento de fato ocorreu, mas o nome da namorada de Kerouac e de seus amigos da época foram modificados para proteger suas identidades e também para proteger o autor Beat de possíveis processos dos env olvidos na trama.

O romance inicia com o jovem Leo Percepied, alter ego do escritor, participando de bebedeiras com seus amigos na San Francisco boêmia. Ele acaba por conhecer Mardou Fox em suas noites e fica obcecado em seduzi-la. Ela faz parte de sua turma, Os Subterrâneos. O grupo é inspirado nos Beats reais. O título do livro é baseado no romance “Memórias do Subsolo”, do escritor russo Fiódor Dostoiévski, uma das referências literárias de Kerouac. Outro autor que o influenciou foi o francês Marcel Proust e o seu colossal romance “Em Busca do Tempo Perdido”. As frases de “Os Subterrâneos” são quilométricas como as de Proust. Está presente no romance também a utilização da técnica do fluxo de consciência, popularizado pelo romance experimental “Ulisses”, de James Joyce, e o complexo e multifacetado “O Som e a Fúria”, de William Faulkner.

Voltando ao enredo, os dois logo se tornam um casal. São felizes no início, mas as bebedeiras intermináveis de Percepied começam a incomodar Mardou. As brigas começam a ocorrer, assim como as crises de ciúmes de Percepied em relação a possíveis flertes de Mardou com outros homens. Existe um jovem em especial que deixa Percepied furiosamente desconfiado: Yuri Gligoric, inspirado no poeta Gregory Corso, amigo de Kerouac.

Mardou e Yuri começam a flertar descaradamente, na frente do escritor. Percepied é escritor, como Kerouac. O fim do livro é dos mais comoventes e depressivos já escritos por um autor de qualquer época.

Kerouac já se encontrava em franca autodestruição quando escreveu o livro. No livro, ele bebe o tempo inteiro. Sua mãe também é citada no romance como uma mãe dominadora, que controla todos os passos do filho. O protege de alguns perrengues, mas o controla como se ele fosse um obediente animal doméstico.

Os escritores William Burroughs, Allen Ginsberg, Neal Cassady, John Clellon Holmes e Gore Vidal estão presentes no livro, assim como o amigo de Kerouac, Lucien Carr. Suas identidades estão protegidas por nomes fictícios, como: Frank Carmody (Burroughs), Adam Moored (Ginsberg), Leroy (Cassady), Balljol MacJones (Holmes), Arial Lavalina (Vidal) e Sam Vedder (Carr). O nome real de Mardou Fox era Alene Lee.

Kerouac chegou a se casar três vezes. Com Edie Parker (1944-1946), Joan Harverty (1950-1951) e com Stella Sampas (1966-1969). Mas a grande influência sempre foi mesmo Gabrielle, a mãe possessiva e autoritária.

Em vida, Kerouac foi mais sucesso de público do que de crítica. Só o "On the Road" teve uma crítica positiva do The New York Times quando foi lançado. Os seus outros livros o ajudaram a se manter em evidência. Frequentemente era chamado para participar de programas de TV. Sua presença causava impacto no público, devido à sua imagem de galã.

Dizem que ele possuía uma memória fabulosa, que o ajudou a escrever seus livros sendo absolutamente fiel aos fatos ocorridos para transformá-los em literatura logo em seguida. Comenta-se que ele era capaz de memorizar os acontecimentos até sob a influência de grandes quantidades de álcool e outras substâncias que circulavam entre os membros da Geração Beat.

Ele utilizava uma técnica de escrita que batizou de "escrita espontânea". Sua técnica de escrita é baseada na escrita automática, dos surrealistas. Tudo deveria fluir livremente, diretamente do inconsciente do autor. Kerouac escrevia como se estivesse executando uma improvisação de jazz. Na técnica de Kerouac, o texto não teria revisão alguma depois de escrito, mas sabe-se que seus editores impunham revisões em seus livros antes de serem publicados. Ele também era famoso por datilografar de forma muito rápida, ao som de Charlie Parker, e sob o efeito de café e da droga benzedrina. Dizem que ele escreveu o "On the Road" em três semanas. E que escreveu "Os Subterrâneos" em três dias e três noites!

O sucesso intimidou Kerouac. Ele era constantemente cobrado para que agisse como o Dean Moriarty, de sua obra-prima "On the Road". As pessoas o confundiam com a persona frenética e amalucada de Neal Cassady, o Dean Moriarty do livro. E se decepcionavam ao encontrar apenas o tímido e introspectivo Kerouac.

Jack Kerouac tornou-se cada vez mais infantilizado e reacionário com o passar do tempo, devido à influência de Gabrielle. O sucesso na literatura o isolou do mundo. Viveu seus últimos anos ao lado de Stella e de Gabrielle. Morreu em 1969, aos 47 anos, de hemorragia causada pela cirrose. Apesar da boemia e da curta vida, ele produziu uma obra extensa, com 20 livros de prosa e 18 de ensaios, cartas e poesia.

Boa parte de sua produção se encontra traduzida no Brasil, quase toda lançada pela L&PM Editores, do Rio Grande do Sul. Seus colegas de Geração Beat também foram traduzidos pela mesma editora.

Péricles Melo é professor de História e autor do livro de poemas "Antes do orvalho: poesia no rosto" (2022).

Francisco Rangel Pinho Furtado é natural de Pentecoste, Ceará, e autor do livro "Luto Coletivo" publicado em 2023. Também é romancista, cronista e poeta. Formou-se em Ciências Religiosas pelo Instituto de Ciências Religiosas (ICRE).

Eduardo Fontenele é contista e romancista cearense de Fortaleza. É autor do livro "A Morte de Benjamin Siegel" (contos), "O Andarilho Participou" (conto - Coletânea "Cenas para Escrever Teus Olhos"). Participa da Bienal Internacional do Livro do Ceará em sua XIV edição, em 2022. Participou da Antologia "Noites de Horror", com o conto "Saint Germain" (2023), da Coletânea "Entre Vampiros", com o conto "Entre os Túmulos", e lança seu primeiro romance, "O Mártir Excêntrico", pela Caravana Grupo Editorial, ambos de 2024.



Néia Gava

Contato: neiavgava@hotmail.com

Em mais uma bela e preciosa edição da Revista Sarau, a Coluna Escritoras Cachoeirenses marca a sua delicada presença, com textos de escritoras tão sensíveis quanto fortes.

UM HOMEM IMPERDOÁVEL

Com alguma razão, dá-se o direito de ser arrogante. Perdeu a juventude e as posses da família. Porém, não a empáfia, tampouco a beleza. Conserva-se altiva, os óculos de meia-lua, como não se usa desde meados do século passado, à ponta do nariz aquilino de descendentes de europeus. Como eu queria odiá-la quando a observo, todos os dias, regando as samambaias verdejantes dependuradas no balcão da varanda espremida entre o progresso e um losango de céu suburbano e azul. Sim, eu queria odiá-la. Ao menos, uma beliscada de rancor deveria incomodar meu peito, enquanto assisto ao ritual matutino e imutável.

— Bom dia! Lindas avencas!

— São samambaias.

Ora! E que diabos interessam os pormenores vegetais! Bastava a cordialidade entre vizinhos! Não, senhores, não importam as boas intenções. É preciso ser exato e até um tanto brilhante. Meus cabelos ainda eram negros na última vez que recebi um olhar. Lembro-me como se fosse ontem. Melhor, como se fosse hoje, há poucos instantes, quase posso tocar o momento com a ponta dos dedos.

la eu pela calçada, carregando a maleta que sempre levava comigo para a repartição e um guarda-chuva em pleno dia de sol. Esse é o dia que marca, além de todo o resto que relatarei em breve, a data exata em que parei de acreditar na previsão do tempo. Se chove, que molhe! Paciência! Estiremos, após o

dilúvio, as almas encharcadas ao sol! Pois bem, como eu dizia, ia-me pela calçada, o colarinho aberto, o peito pronto para abraçar o final de tarde. Era uma sexta-feira do mês de maio. Se os senhores são trabalhadores e se, por acaso, conhecem a cidade de Cachoeiro de Itapemirim, me entenderão com maior franqueza e, quiçá, alguma compaixão. Eu recebia no rosto suado a brisa vespertina, não nos encontrávamos desde setembro. Até hoje, quando aporta o mês de maio, toda brisa ainda me chega com um resquício de dor. Vocês se acalmem, sei que me darão razão.

Peço desculpas pelos desvios, arbítrios da idade. Contar uma história é catar papel na ventania. As lembranças se alvoroçam. Digo isso para evitar admitir que se perdem, ainda não cheguei a esse ponto de resignação. Digamos que elas saem para passear. Fato é que, naquela tarde de sexta, num maio para sempre perdido, a vizinha saiu para passear. À tardinha, como moça de família. Eu passara a semana atarantado, dando cabo de relatórios fiscais, por isso havia me descuidado da aparência. A barba por fazer, o cabelo oleoso colado à testa (sinto saudade dos fios que se foram, devo admitir). E eis que calhou-me encontrar a vizinha vicejante, de banho tomado e cheirando à alfazema, bem nessas precárias condições! Ah, mas o que há de se lamentar, tantas décadas depois? O que está feito, está feito.

Vestido azul claro e sapatos cor de marfim. Um sóbrio coque preso com grampos. Mas o pecado, ah! O pecado estava nas mãos, caros amigos e amigas! Avistei-a da curva sinuosa que liga o final da ponte de ferro ao início da Avenida Beira Rio. Hão de convir que encontrar a vizinhança no centro da cidade era motivo de gracejos primaveris. Outros tempos. Iniciei, desde aquele ponto, um malabarismo com meus pertences. Queria me livrar de todos eles! Deixar as mãos livres para cumprimentá-la! Quem sabe, pensei eu, naquele dia tão claro, estivesse receptiva para três beijos de bochechas, algo casual, nada afoito. E nesse temporal interno, o único a desabar naquela tarde (e duvido veementemente que era esse o clima previsto pelo desprezível jornal) escapuliu-me o polegar úmido pelo cabo do guarda-chuva. E não só! Bem no momento em que a vizinha estava à exata distância do cabo estendido. E o desastre que se seguiu merece um novo parágrafo.

Como alguns devem se lembrar, os guarda-chuvas de outrora ostentavam na ponteira uma agulha de madeira. Para quê, eu me pergunto, há meio século. Que formato odioso. Que perigo para os transeuntes e os corações em palpitação. Essa arma letal, em sua frieza e leviandade, acertou em cheio o que as finas mãos carregavam: um livro. Para meu absoluto e jamais superado assombro, a perfeita encadernação deu um semi giro no ar, em câmara lenta, vos asseguro, quicou na balastrada da avenida e mergulhou como uma seta nas águas barrentas do Itapemirim. Minhas mãos suam, até hoje, ao me lembrar da rapsódia. Ficamos os dois catatônicos, encarando a correnteza. Quando levantei o rosto, ela já tinha os olhos pregados em mim e senti cada ossinho e cartilagem do meu corpo

se convertendo em algum ser pequeno e asqueroso. Eu havia me metamorfoseado num iletrado absoluto. Num boçal irrecuperável. Um bruto. Um ser miserável condenado aos radinhos de pilha colados aos ouvidos. Um pusilânime. Um homem imperdoável.

Queridos amigos, pois vos digo que não recebi, sequer, uma repreenda. Encarando o horizonte, cruzou os braços, levantou o queixo e seguiu altiva, como segue até hoje. Como podem notar, ainda me debruço, de quando em vez, sobre o desastroso incidente. Não fosse o cansaço... Se tivesse esquecido em casa o possuído guarda-chuva... Se tivéssemos nos encontrado minutos antes ou segundos depois... Nunca reuni a coragem suficiente para perguntar-lhe o título da obra ou o nome do autor. E esse é o detalhe que me corrói: eu tinha que arremessar ao rio justo um livro! Fosse um objeto qualquer, eu poderia ter me desculpado lhe oferecendo um café, um presente pelo incômodo, quem sabe um estojo com pinturas de rosto. Eu não passaria de um homem ocupado e apressado, perfeitamente capaz de reparar meu erro com um galanteio, mas não. Aquele livro me converteu num homem vil e obtuso, indigno, até, de uma reprimenda.

Ali está ela, onde sempre estive, do outro lado da rua. E cá estou eu, pescando lembranças nas águas do rio do tempo. Um ignorante absoluto, desde as plantas domésticas, até os sonetos do mundo. Ah! Como eu queria odiá-la. Como eu queria odiá-la.

Olivia Avelar nasceu e vive em Cachoeiro de Itapemirim, ES. Formada em Letras, pós graduada em Filosofia é professora, articulista e escritora membra da Academia Cachoeirense de Letras. Em 2022, lançou seu primeiro livro - Azul da Prússia - pela Editora Folheando.

ENTREVISTA

Sento-me de frente para os repórteres, as câmeras a postos, os olhos famintos, fervendo de curiosidade.

Faz anos que não apareço em público, muito mais que não falo com a imprensa. Estou aqui hoje para falar do novo livro, depois de quase uma década sem publicar nada. E apenas porque meu editor prometeu uma garrafa cara de whisky e algum perfume que ainda não tenho na coleção.

Falando nele, logo chega e o aval para os fleches é dado. O querido se senta e as perguntas começam:

– Elise! Elise! Aqui!

– Aqui!

– Elise, por que sumiu da mídia depois de fazer tanto sucesso? – alguém lá do fundo ganha a vez.

– Justamente por ter feito muito sucesso. Já tinha o que eu queria, então, fui descansar. – respondo da forma menos cínica que consigo.

– Esse é o último livro da sua carreira, ou ainda vai escrever mais?

– Tenho uns rascunhos, mas não sei se vou mexer neles... Talvez deixe de herança por aí.

A palavra herança causou um reboliço.

– Por que não se casou? Nem teve filhos? – o editor riu ao meu lado, sabendo que aquela era a pergunta que me faria levantar e sair, enquanto os curiosos se viravam para encarar o rapaz, esperando minha resposta.

O que eu poderia dizer?

Canso-se dos amores tranquilos e não aguento os conturbados.

Ou, sempre quis vastos oceanos e só me foram entregues laguinhos sujos.

– Eu quis casar uma vez... – digo por fim – Mas ele queria que eu escolhesse entre o casamento e os livros. Queria arrancar as asas do passarinho e os olhos da criança perscrutadora. E de nada me valeria um amor que me castra.

Levanto-me, pronta para sair, e eles entendem que a coletiva havia acabado.

– O livro novo sai no fim do mês. Aproveitem!

Virgínia Pastore é nascida e criada em Cachoeiro de Itapemirim. É escritora, poetisa, colunista, coordenadora de núcleo no Coletivo Escritoras Cachoeirenses, e se arrisca na fotografia nas horas vagas. Publica seus textos desde 2017 nas redes sociais e em 2021 passou a publicar seus livros de forma independente.



Foto: Divulgação

“Sei que não devia, mas a gente se acostuma”

Já poetisava Marina Colasanti

"a gente se acostuma".

Com palavras sutis

Que nos tocam a alma

Sua escrita nos seduz.

A gente se acostuma

Com os risos

Com as lágrimas.

A gente se acostuma

Com os fatos que corroem

Com a dor que nunca passa.

A gente se acostuma

Com as bênçãos

Com as alegrias.

Há o que fere.

Há o que apazigua.

A gente se acostuma.

"Eu sei, mas não devia"

Também versa a poetisa

Em linhas inebriantes.

Marina faz transbordar sentimentos

De alegria e de tristeza

Porque a gente se acostuma.

Colasanti, de tão sensível, propagou

Os versos que entoam corações

Pois a gente se acostuma.

Néia Gava - Especializada em Letras: Português e Literatura. É poetisa e escritora. Possui oito Antologias Poéticas publicadas. Membro do Conselho Municipal de Política Cultural de Vargem Alta. Acadêmica Correspondente da Academia de Letras e Artes de Venda Nova do Imigrante (ALAVENI). Acadêmica Correspondente da Academia Pan-Americana de Letras e Artes do Rio de Janeiro (APALA-RJ). Colunista da Revista Sarau (CE-Fortaleza). Membro e coordenadora do coletivo "Escritoras Cachoeirenses". Membro nº 001039 da Academia Internacional de Literatura Brasileira - AILB. Coordenadora Diocesana da Pascom - Área das Rochas.



COLUNA CLICS DO SERTÃO

José Roberto Morais
Contato: joserobertos2013@gmail.com

A Coluna Clica do Sertão apresenta a arte da palavra de Gerlane Cavalcante (crônica) e os Tributos Literários ao poeta Gregório de Matos e ao romancista José de Alencar, autoria do colunista, José Roberto Morais.

OS DEZ SEGUNDOS DEPOIS DO YOUTUBE

Maria Gerlane Cavalcante



Foto: Divulgação

Aninha, no auge dos seus sete anos, estava me mostrando um vídeo na plataforma YouTube. Como quase tudo hoje em dia que experienciamos com os cinco sentidos, fomos interrompidas por um anúncio. Prontamente, Aninha clicou no comando “pular”. Até então, eu faria o mesmo se estivesse manejando o celular. Escolher, ainda que em parte, o que assistimos equilibra o imperativo da indústria cultural contemporânea.

Mas eu estava só descansando em um domingo, aproveitando um momento com uma prima. Aterrissei das conjecturas. Continuamos com o vídeo, que estava até interessante.

Não muito. Aninha já o conhecia e quis me mostrar uma parte específica. Foi então que ela, prontamente, segurou o aparelho com as duas mãos e tocou duas vezes seguidas do lado direito da tela. Apareceram três setas seguidas e a expressão “10 segundos”.

Maria Gerlane Cavalcante – Psicóloga, contista e cronista campossalense. Técnica em Comércio pela Universidade Estadual do Ceará; Psicóloga graduada pela Universidade Federal do Vale do São Francisco, atua na área clínica, escolar e educacional. Atualmente, cursa especialização em Impactos da Violência na Escola pela Fundação Oswaldo Cruz (FioCruz) e mestrado em Psicologia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco. Coautora em “Poetas e poesias” (2011) e “Somos Escritores: jovens que escrevem” (2019).

Fiquei surpresa com aquilo.

Por um lado, a possibilidade de escolher e de ser específico(a) exatamente no ponto que deseja ver, de se localizar no tempo. Por outro, a liquidez, aceleração e falsa sensação de controle dos nossos dias.

Voltei às conjecturas. Tem sido cada vez mais raros os tempos de descanso e elucubrações.

Ao fim do dia, fiquei pensando naquela cena de Aninha com o celular e nos nossos costumes.

Estamos cada vez mais sem tempo, mais apressados, mais ansiosos e desejosos de prevê e controlar o futuro. Chegamos no ponto em que as atualizações tecnológicas se estendem ao nosso comportamento?

Parece que as configurações e os comandos tocados por nossos dedos representam e orientam o nosso desejo de controlar o tempo, os acontecimentos e o entendimento de um poder de escolha não generalizável à realidade. Por um momento, parece que nossas experiências ou o próprio mundo está ao alcance e controle das nossas mãos.

Diferente de uma programação fixa, como a televisão de décadas atrás, hoje se pode escolher dia, horário e a parte específica para assistir.

Dez segundos, vinte segundos, trinta segundos... sucessiva e cumulativamente.

Também descobri o recurso que permite controlar da velocidade de exibição. E o quanto estamos impacientes, apressados no dia a dia e nas nossas interações. As configurações não se aplicam às relações humanas e ao tempo orgânico da vida.

Estamos cada vez mais apressados, menos tolerantes, mais angustiados, menos disponíveis a ouvir, mais necessitados de prever e mudar o futuro. E estamos ou menos conscientes das nossas escolhas e comportamentos?

Os aplicativos sim, são passíveis, mas e os nossos dez segundos depois?

MAGNO BOCA DO INFERNO: GREGÓRIO DE MATOS

José Roberto Morais

Nasceu Gregório de Matos
Na cidade capital
Viveu conforme relatos
Na época colonial.
Foi lírico trovador
Um juiz e curador
De órfãos em Portugal;
Regressou ao Brasil
Destacou-se em seu perfil
De satírico social.

Figura muito importante
Exerceu magistratura
De poética relevante
Um ás da literatura.
Fez um trágico retrato
Da Bahia, em destrato
Em versos manifestou;
Não poupou autoridade
Naquela sociedade
Sua língua afiou.

Seus terríveis inimigos
Logo se manifestaram
Partiu, ser tem amigos
Para Angola o deportaram.
Mas tornou-se conselheiro
Do governo brasileiro
Obteve autorização;
Ao seu país regressou
Em Recife se arraigou
Longe de perseguição.

Na época que morou
Em Salvador, capital
Que muitos satirizou
Com deboche social.
Recebeu um apelido
Que ficou reconhecido
Pra literatura eterno;
Um boêmio trovador
De versos, inspirador
Magno “Boca do Inferno”.

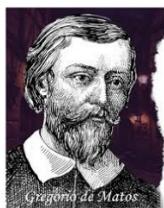


Foto: Divulgação

Gregório não publicou
Enquanto aqui viveu
Mas sua obra circulou
Entre nós permaneceu.
Seja lírica amorosa
Poesia religiosa
Ou sátira social;
Do barroco brasileiro
Representante arqueiro
Pra crítica nacional.

**“O CHEFE DA LITERATURA NACIONAL”
JOSÉ DE ALENCAR**

José Roberto Morais



Foto: Divulgação

Nasceu José de Alencar
Advogado e jornalista
Nas terras do Ceará
Gera um bardo romancista.
Foi político brasileiro
Para o Rio de Janeiro
Mudou-se com os seus pais;
Com nove anos de idade
Morando nessa cidade
Viu encontros casuais.

Filho de um senador
Na época imperial
Decidiu ser escritor
Publicando no jornal.
Entregou-se à leitura
Produziu literatura
Destaque na geração;
Os eventos sociais
Suas peças teatrais
Divulgando na seção.

No Correio Mercantil
Segue seu itinerário
Sobre os fatos do Brasil
Fazia seu comentário.
Depois como redator
Noutro jornal de valor
Em folhetim publicando;
Um escritor tão astuto
Produziu “cinco minutos”
Ao público, divulgando.

“O guarani” foi sucesso
Uma história consagrada
Continuou seu progresso
Em cada obra publicada.
Romances indianistas
Também regionalistas
E urbanos, escreveu;
Fez a crítica social
“Cartas de Erasmo”, um tal
Debate em que se envolveu.

Obra prima “Iracema”
Traz o colonizador
Miscigenação como tema
Aliados ao amor.
Há um líder tabajara
Um guerreiro potiguara
Nações que vivem em guerras;
Irapuã e Caubi
Guerreando com Poti
Nos vales, sertões ou serras.

“Lucíola” e “senhora”
Os saraus representados
Entre amores de outrora
Arnaldo e Flor são lembrados.
Se há “reencarnação”
Por ser mais forte a paixão
O amor vencendo fronteiras;
Seja Jorge e Carolina
Cada história nos fascina
De diferentes maneiras.

José Roberto Morais - Professor, poeta, cordelista e escritor araripense. Colunista da Revista Sarau e Membro Fundador da Academia Cearense de Literatura de Cordel (ACLC). Autor dos livros: “50 Sonetos”, “Reforma Agrária e o Boi Zebu e as Formigas: uma análise sociológica”, “Fantástico Mundo da Leitura” e “Veredas do Cordel”; e coautor em algumas antologias. Em projetos de leitura e escrita, publicou com seus discentes as obras “Somos Escritores: jovens que escrevem” (2019) e “Trilhas da Leitura” (2023).



CARTUM

ao modo nonsense

e *Carlos Nascimento*

Carlos Nascimento - Professor Pedagogo, Especialista em Educação, Pós-Graduado em Planejamento, poeta, escritor e artista visual. Membro do Cecordel, ACE, UBT e outras.



COLUNA MOSAICO ARTÍSTICO-CULTURAL

Elaine Meireles
(contato: nonchetart1@gmail.com)

A Coluna Mosaico Artístico-Cultural contempla a riqueza enraizada na diversidade racial, artística, social, geográfica, cultural, econômica, religiosa, espiritual e intelectual das várias regiões do Brasil, ressaltando novas tendências culturais e apelos da contemporaneidade, no que concerne à Literatura, Música, Cinema, Teatro, Pintura, Dança, Fotografia, Artes Digitais, contribuindo para a solidificação da Arte no Brasil.

Articulistas da Coluna em Maio/Junho: Ana Esther Balbão Pithan, Elaine Meireles, Janaina Menezes, Ruth Ibiapino, Vinícius Silvério Barreto de Souza.

A CRÍTICA LITERÁRIA QUE VEM DE RUSSAS (CE)

“Que boca é essa, Gregório?”

Janaina Menezes

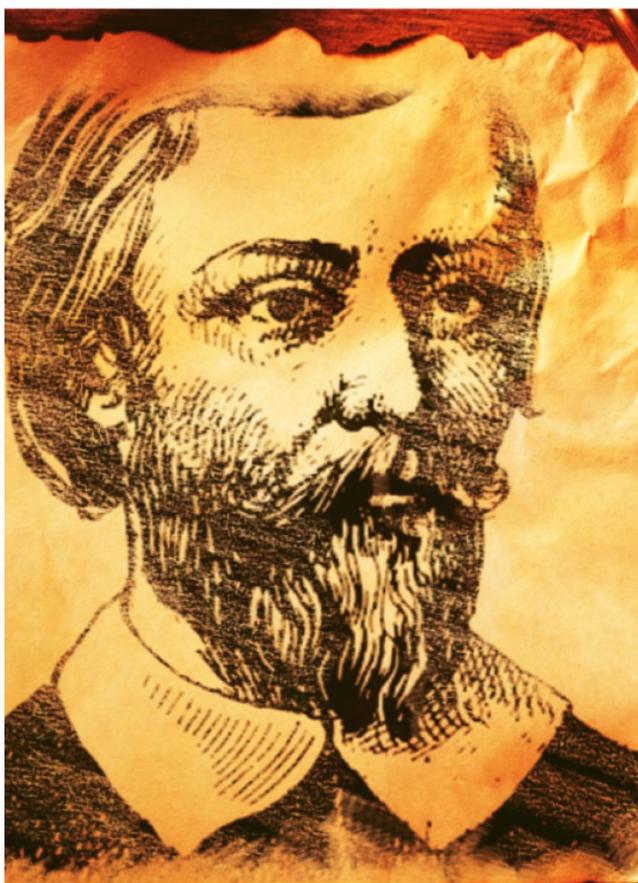


Foto: Divulgação

Gregório de Matos Guerra nasceu em vinte e três de dezembro, de mil seiscentos e trinta e seis, em Salvador, Bahia. Filho de Maria da Guerra e Gregório de Matos. Formou-se em Direito. Trabalhou como juiz. Faleceu em vinte e seis de novembro de mil seiscentos e noventa e seis, na cidade do Recife, por consequência de uma febre contraída quando foi condenado ao degredo em Angola, depois de criticar os desmandos do governo, e por sua insubmissão aos moldes da Igreja Católica.

No Brasil, é um dos mais significativos representantes do Barroco. No entanto, toda produção de textos atribuída a ele, não saiu de seu próprio punho. Gregório não escrevia seus poemas, declamava-os publicamente. Provavelmente, aqueles que gostavam da sua poesia, registravam de forma escrita, e esses registros posteriormente foram reunidos em códices. Sua produção literária reúne mais de setecentos textos. Dividindo-se em: Poesia de Circunstância, Poesia Amorosa, Poesia Religiosa. Dentro da Poesia de Circunstância, percebe-se, entre outras, a Poesia Satírica. Diferindo da Poesia Graciosa, em que ele não envolve a sátira propriamente dita, a sua poesia satírica faz críticas severas à sociedade de sua época. Além de viver em um período chamado inferno colonial brasileiro, ele também ficou conhecido como Boca do Inferno. Isso porque ninguém escapava da língua de Gregório. A língua que por tantas vezes elogiava em seus versos encomiásticos, era a mesma língua que também feria com destreza.

Vale ressaltar que essa rebeldia expressa em seus poemas satíricos, revela também, um homem inconformado com as injustiças, com as desigualdades sociais, como pode ser observado em seu poema À cidade da Bahia. Nesse poema, ela fala de uma Bahia que antes era mais abastada (Rica te vi eu já, tu a mi abundante), e agora, encontra-se explorada pelos estrangeiros, a quem ele chama de Brichote, dando muito em troca de quase nada (Oeste em dar tanto açúcar excelente / Pelas drogas inúteis, que abelhuda / Simples aceitas do sagaz Brichote)

Sendo um excelente representante do Barroco, sabia usar muito bem a dualidade. Não somente a dualidade de elogiar e satirizar, como também, a dualidade do jogo de palavras. Jogando até com o próprio Cristo, como pode ser observado em uma de suas poesias religiosas:

A JESUS CRISTO NOSSO SENHOR

Pequei, Senhor; mas não porque hei pecado,
Da vossa alta clemência me despido;
Porque, quanto mais tenho delinquido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.

Percebe-se, nesse primeiro trecho do poema, como ele realiza esse jogo de palavras. Pois quanto mais ele peca, mais Cristo está empenhado a perdoá-lo. Ou seja, há um ganho para os dois, enquanto ele ganha perdão, Cristo exercita a sua graça (Por que, quanto mais tenho delinquido / Vos tenho a perdoar mais empenhado).

Mas então, que boca é essa, Gregório? A boca de um homem culto, ousado, atrevido, rebelde, mas que também denunciava as injustiças. De um bom observador da beleza e da efemeridade da vida. A boca que não poupava ninguém. A boca que não tinha medo de falar a verdade, nem mesmo quando isso quase lhe custou a própria vida.

Referências Bibliográficas: Magalhães Leitão, Marcelo. Apostila de Literatura Brasileira I. 8ª ed. UFC.

Janaina Menezes de Melo – mora em Russas (CE), escritora, pesquisadora, graduada em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

POESIAS DE SÃO JOÃO DO TIGRE (PB)

Uma postagem do agora

Ruth Ibiapino

Da calçada eu avistei
Uma ave voando no céu,
As nuvens de algodão
Colorindo com o pincel
A aquarela do horizonte
Que constrói a sua ponte
Nos raios que formam o véu.

Debaixo da árvore brota
A vida que cresce e dança,
Que brinca e se encontra
Num sorriso de esperança,
Plantando a felicidade
Regada na simplicidade
Na brincadeira de criança.

A vida que nasce e cresce
Sem enfeite ou maquiagem,
No sossego de uma rua
A natureza de paisagem.
O tempo faz a fotografia
Captando o simples do dia
O flash de uma bela imagem.

O vento que bate calmo
Assoprando um sorriso,
O abraço se faz passagem
Para a porta do paraíso,
Um abraço-casa-de-mãe
Faz com que acompanhe
Tudo aquilo que é preciso.

Olhar sincero desabrocha
Abraço solto ganha vida.
O choro curto se encerra,
O sorriso, é cura da ferida.
O agora dessa imagem
É a mais linda postagem
E o agora, a principal curtida.

Sertão

Ô sertão,
Tua seca árida me entristece
Mas teu pôr do sol me alegra,
Pois é ele que aos poucos rega
A força persistente da minha prece.

Ô sertão,
Quando tuas matas se escurece
Depois que a chuva desce
E tu, novamente refloresce.

Ô sertão,
Que marca cada batimento
Nos cravos firmes do coração.

Ô sertão,
Que corre pelo chão
Das veias do sentimento
Sertão que é acalento
E colírio para a visão.

Ô sertão,
Tu és a força da maestria
A rima para a poesia
Dos tropeiros da paixão.

Ruth Ibiapino – tenho 22 anos, poetisa, fruto de uma escola do campo e nasci na poesia nos meios da Educação. Atualmente moro em Campina Grande (PB), curso Química Industrial pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Tenho participação em uma coletânea entre Brasil e Portugal e 16 cordéis autorais publicados. Encontro inspiração na natureza, nas grandezas de Deus e sou admiradora de toda expressão artística. A arte salva vidas!

ANAMASTHÊR: PERSONAGEM NASCIDA EM FLORIPA (SC)

“Não-ficção por trás da Personagem Ficcional”

Ana Esther Balbão Pithan

Sou escritora, adoro escrever e também ilustrar meus textos, e tenho uma queda especial por criar personagens! Imagino os personagens e seus contextos, alguns eu necessito desenhar. Tornam-se mascotes das histórias ou crônicas que passo a escrever. Porém, eles não surgem do nada. Algo no meu momento atual de vida me leva a cultivar a “ideia-semente” até o personagem nascer... É o que passo a contar aqui sobre a minha personagem Anamasthêr.

No ano de 2017, assisti no telejornal matutino o convite para participar de um projeto gratuito de Meditação para a Comunidade, oferecido pela Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC). Gratuito? Lá me toquei eu, bem faceira, pois moro pertinho. Encantei-me pela meditação, chegara no momento preciso, era justamente isso que eu precisava. Mentores e colegas partilhavam da mesma vibe.

Também sou estudiosa ardente de assuntos relacionados à física quântica, parapsicologia, antigas civilizações, misticismo e por aí vai. Assim, comecei a conversar muito com uma amigo num grupo de saraus, que participávamos à época, a respeito das nossas opiniões sobre meditação e a conversa foi por vários rumos. Devido a esses papos, não lembro se meditando ou em sonho, comecei a ter ideias para uma personagem meditadora. Conteí ao meu amigo e trocamos sugestões. Precisei desenhar a tal personagem. Cheguei à conclusão de que eu não teria conhecimentos suficientes para abordar os assuntos que me empolgavam, mas que eu poderia fazer o que passei a chamar de “poemas-meditativos”.

Contava animadíssima ao amigo como a criação da personagem progredia e ele me incentivava muito. Geralmente, ao nos despedirmos no whatsapp, usávamos o termo Namastê. Foi então que meditando em casa pronunciei ao final: Namastê... e o insight surgiu fulminante! O meu nome é Ana Esther e a personagem meditadora incorporaria a saudação, passando a se chamar Anamasthêr!

Contudo, ainda não contente, lembrei-me do filósofo chinês Lin Yu Tang que cita, em seu livro *A Importância de Viver*, a meditação do chá. Meu coração gaúcho disparou com a barbaridade que inventei: Anamasthêr e a Meditação do Chimarrão – filosofar e meditar com a cuia na mão! Meu amigo vibrou, escolheu a melhor cor para o desenho que enviei para registrar a personagem no EDA em 2018. Desde então, já compus 30 poemas-meditativos da Anamasthêr e sua bem humorada Meditação do Chimarrão. Meu amigo virou padrinho da personagem. Quem se atreve a dizer que a vida real não é uma bela história?

Ana Esther Balbão Pithan - nasceu em Erechim/RS, mora em Florianópolis / SC. Graduada em Letras/Inglês (UFRGS), Mestre em Língua e Literaturas de Língua Inglesa (UFSC). Foi Professora Universitária. Tem 11 livros publicados, participação em várias antologias. Criadora dos personagens *O Pelicano*, *Mega Vó*, *Anamasthêr* e a *Meditação do Chimarrão* entre outros. Instagram: @pelicanaesther

REFLEXÕES SOBRE A ERA DIGITAL, VINDAS DE ICAPUÍ (CE)

“O Big Data na Era do Controle Digital”

Vinícius Silvério Barreto de Souza

Um dos temas contemporâneos abordados pelo filósofo Byung-Chul Han em sua obra “*Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*” é o Big data. O autor explora a temática a partir de uma análise da eficiência de sistemas de monitoramento. Para ele, embora o modelo de penitenciária proposto por Jeremy Bentham – o pan-óptico – seja uma ideia efetiva para os propósitos dos presídios, os limites de vigilância desse sistema lhe permitem captar apenas a parte visual dos prisioneiros. Pensamentos e desejos não estão entre os aspectos alcançáveis pelo pan-ópticobenthamiano.

O modelo de monitoramento que apresenta melhor eficiência, de acordo com o pensamento haniano, consiste em um sistema “aperspectivista”, capaz de espionar as esferas comportamental e mental do indivíduo, ou seja, em um pan-óptico digital. Han elabora esse conceito a partir do controle digital na sociedade contemporânea, isto é, o controle psicopolítico, que significa uma forma de controle social e político que não atua por repressão direta, como em regimes autoritários tradicionais, mas por meio da influência sobre a mente, os afetos e os desejos dos indivíduos. Dessa forma, um dos assuntos importantes para compreensão da psicopolítica é o Big data. Este termo significa o processamento digital de um grande número de dados, ou seja, uma poderosa ferramenta de armazenamento de informações acerca das pessoas, sobretudo no que tange a crescente exposição delas na internet.

Por meio do Big data, o pan-óptico digital exerce um controle psicopolítico. Isso fica claro, por exemplo, em instituições de Big data como a Acxiom, cujo slogan é oferecer uma visão em 360° dos indivíduos para empresas que buscam clientes (HAN, 2018, p. 76). Neste sentido, importa lembrar como o setor da comunicação se desenvolveu e, a partir dele, novas tecnologias de monitoramento – a exemplo dos big data – começaram a surgir. Algumas delas, inclusive,

são sofisticções de tecnologias já existentes, como os Smartphones – referentes aos celulares – e as Smart TVs. Por consequência, com a difusão do uso desses aparelhos em escala global, o tempo presente é marcado por uma crescente exposição na web, na qual muitos indivíduos se avaliam a partir de números – como os likes e o numero de seguidores em redes sociais

Na medida em que as novas tecnologias aumentaram a produção de dados acerca das pessoas, a reprodução digital da vida ficou mais fácil; além da vigilância de câmeras de segurança, "agora somos monitorados também pelas coisas que utilizamos cotidianamente" (HAN, 2018, p. 86). Se nossa memória nos permite esquecer, "os big data não esquecem nada" (HAN, 2018, p. 86).

Com o Big data, tudo é digitalmente armazenado, desde as simples pesquisas no Google até mesmo a localização das pessoas. Por isso, seguem-se desta tecnologia implicações diversas, como as políticas e econômicas, quer se trate da possibilidade que ela oferece de se desenvolver psicopolíticas capazes de influenciar eleitores (como a micro-targeting), quer se refira aos desejos e inclinações despertados pela comercialização dos dados.

O Big data se afigura como um verdadeiro Big deal, isto é, um grande negócio. Isso se explica pela comercialização de dados (da esfera digital) que interessam tanto ao Mercado quanto às instituições políticas. A economia passou a ser movimentada por um monitoramento que permite que dados pessoais sejam catalogados como mercadorias. Desse modo, como sociedade de classes digital, os sujeitos são classificados em diferentes perfis de consumidores, desde aqueles mais importantes economicamente – isto é, mais aptos a consumir – até aqueles com valor de mercado mais baixo.



Foto: Divulgação

Impera no mundo atual a ordem do visível, no sentido de uma tendência global à exposição e a digitalização. O Big data representa não apenas uma inovação tecnológica, mas uma reconfiguração profunda das dinâmicas de poder, vigilância e subjetividade na era digital. Há um regime psicopolítico que captura a interioridade dos indivíduos e os transforma em fontes contínuas de dados e lucro. Neste cenário, o sujeito conectado deixa de ser apenas vigiado por instâncias externas e passa a participar ativamente de sua própria vigilância, alimentando ingenuamente (ou não) o sistema que o controla.

Referências: HAN, Byung-Chul. Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Tradução de Maurício Liesen. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.

Vinícius Silvério Barreto de Souza é um pesquisador nascido em Icapuí (CE). É graduado em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: filosofiasbs18@gmail.com.

A “IA” ANALISA ALENCAR

Estou fazendo um Curso de IA (Inteligência Artificial) e me deparei com o desafio de solicitar ao ChatGPT a elaboração de um texto (uma lauda) comentando o conjunto da obra de José de Alencar. A “IA” deveria fazer uma crítica literária direcionada para leigos e especialistas em Literatura Brasileira, destacando características e personagens do autor. Fiquei impressionada com a rapidez e com os dados apresentados. Contudo, muito caminho ainda deve ser percorrido e questionado, pois envolve Ética, Autoria, Moral, Linguagem, entre tantos outros pontos importantes relativos à utilização da Inteligência Artificial. Abaixo, transcrevi o título e texto criados pela IA.

Elaine Meireles

“José de Alencar: O mestre da literatura brasileira e suas obras inesquecíveis”

Inteligência Artificial

José de Alencar é uma das figuras mais emblemáticas da literatura brasileira, cuja obra atravessou gerações e ajudou a moldar a identidade cultural do Brasil. Escritor, político e advogado, Alencar soube combinar uma linguagem envolvente com temas que dialogam profundamente com o espírito do país, especialmente no século XIX.

Suas características literárias se destacam pela riqueza de detalhes, pelo uso de uma linguagem que mistura o erudito ao popular, e por uma forte valorização das raízes nacionais. Ele foi um dos pioneiros na criação de uma literatura que refletisse a alma brasileira, explorando temas como o indígena, o sertanejo, o romance e a história do Brasil com sensibilidade e autenticidade.

Entre suas obras mais conhecidas, destacam-se O Guarani, Iracema, Senhora e Lucíola. Cada uma delas apresenta personagens marcantes que representam diferentes aspectos da cultura brasileira. Por exemplo, em Iracema, a personagem-título simboliza a essência indígena e a ligação do Brasil com suas origens nativas, enquanto em Senhora, a protagonista Aurélia revela as complexidades do amor, do poder e da sociedade urbana do século XIX.

Os personagens de Alencar são complexos e muitas vezes carregados de simbolismo, refletindo as contradições e riquezas do Brasil. Sua escrita combina o romantismo com uma forte identidade nacional, criando uma literatura que é ao mesmo tempo universal e profundamente brasileira.

Para os leitores leigos, a obra de José de Alencar oferece uma janela para o Brasil do século XIX, suas paisagens, seus mitos e suas emoções. Para os especializados, representa uma fase fundamental na formação da literatura nacional, influenciando gerações posteriores.

Em suma, José de Alencar é um autor que merece ser lido e revisitado, pois suas obras continuam a encantar, emocionar e ensinar sobre a alma do Brasil. Sua contribuição é um verdadeiro patrimônio literário que enriquece nossa cultura e nossa história.

Elaine Meireles – Especialista em Literatura Luso-Brasileira, editora e articulista da Revista Sarau, Professora Tutora da UFC/IFCE. Autora da Coletânea Lápis Afiado (Análise de livros indicados para o vestibular; Estilos Literários Brasileiros); Português – Vestibulares & Concursos. Participação nos livros Vivências de Leitura – uma análise linguística-literária das obras (org. Lucineudo Machado). Contato: ponchetart1@gmail.com



CASINHA



feita de papelão

Ferreira Lima é graduado em Geografia.
Autor de livro didático de geografia e
artista plástico. (85) 989111739

Versos de Alencar:

O Brasil em Cada Linha

Lucas Gabriel Alves de Moraes



José de Alencar, nome imortal,
Teu verbo é força, é chama a brilhar,
Com tuas letras, o Brasil a encantar,
Nas terras do sertão, onde o vento é mortal.

Romances que cantam a alma de um povo,
Na índia, no caboclo, no nordeste, o fogo,
Disseste o Brasil com um olhar profundo,
E teus personagens habitaram o mundo.

O amor e a honra, o drama e a dor,
Tudo ecoa em tuas páginas com ardor,
Em "Iracema", o luar se fez poesia,
E em "O Guarani", a luta se tornava melodia.

Teus textos são mais que palavras no papel,
São raízes do nosso solo, sob o céu,
Por entre montanhas, rios e mar,
José de Alencar, teu nome sempre a brilhar!

Com coragem, escreveste o Brasil nas linhas,
Com ousadia, delineaste nossas vitórias e rixas,
E o romance nacional, em tua pena, se fez,
Nos legando um país que ecoa,
até os dias de hoje, em um só rei: o Brasil,
que tu enxergaste com tal altivez.

A ti, José, nosso tributo, nosso louvor,
Teu nome vive na história, eterno em esplendor,
Que tua obra nunca cesse de nos ensinar,
O poder da palavra, que nunca deixará de brilhar.

Lucas Gabriel Alves de Moraes é estudante do curso de Letras, com habilitação em Língua Portuguesa, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

JOSÉ DE ALENCAR, O ESCRITOR CEARENSE

Maria Patriolino

José Martiniano de Alencar nasceu em 1º de maio de 1829, em Messejana (bairro de Fortaleza, Ceará). Na infância mudou-se com sua família para o Rio de Janeiro, na época capital do país, para acompanhar o pai, José Martiniano de Alencar, eleito senador pelo estado cearense. No ano de 1844 mudou-se para São Paulo, onde cursou Direito (com exceção do 3º ano, cursado na Faculdade de Direito de Olinda, em Pernambuco), continuou na capital paulista até 1850.

José de Alencar foi sem dúvida um importante romancista, dramaturgo, político, reconhecido como um dos principais representantes do Romantismo no Brasil, com uma carreira literária notável e obras que exploraram a cultura brasileira.

Entre seus romances mais famosos estão Iracema, Senhora, e o Guarani, que refletem seu interesse pela natureza, pela cultura indígena e pelas relações sociais. Além de sua produção literária, Alencar também teve uma atuação política, tendo sido deputado e ministro da Justiça. O escritor cearense morreu em 12 de dezembro do ano de 1877, deixando um legado que perdura até nos dias atuais, na Literatura Brasileira.

O que mais chamou a minha atenção, é que poucos sabem do parentesco do escritor José de Alencar com a famosa escritora Raquel de Queiroz, nascida em 1910 em Fortaleza/CE. Parece que a escrita está no sangue desses dois imortais. Pois bem, Raquel de Queiroz tem parentesco com Martiniano por meio de sua avó materna, dona Miliquinha, que era prima do escritor de O Guarani. Embora os escritores não tenham tido contato direto, a conexão familiar entre os dois é um exemplo interessante da continuidade da Literatura Brasileira ao longo das gerações.

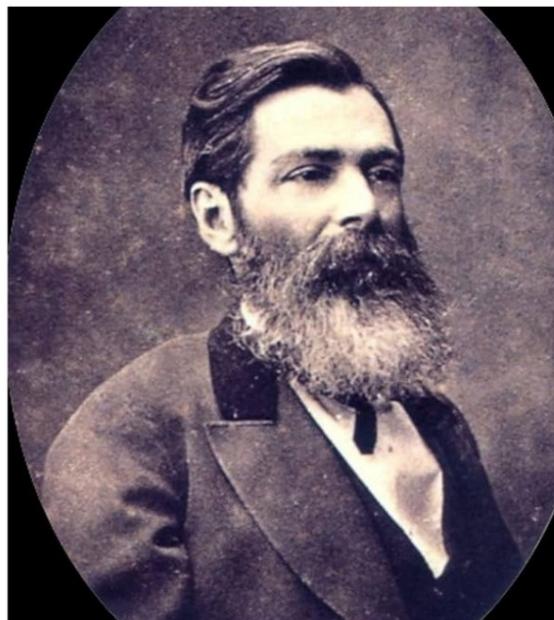


Foto: Divulgação

Podemos dizer que José de Alencar impulsionou a Literatura Cearense para o cenário nacional, tendo em vista que suas obras compõem o topo dos clássicos da Literatura Brasileira. Ressaltando que o escritor cearense, em 1875, publicou o livro Senhora, em volumes, o qual rompe com a lógica machista da época em que a predominância de figuras masculinas nos romances ofuscava o brilho feminino, cercando a mulher de uma aura de submissão do patriarcado.

O escritor José de Alencar deixou o legado para os futuros escritores, para a construção da identidade cultural do nosso estado cearense, e de modo geral, do país brasileiro.

Maria Patriolino-escritora, romancista, poetisa, contista, autora, coautora em diversas antologias brasileiras. Formada em Serviço Social, Pós-Graduada em Psicopedagogia. Natural da cidade de Sobral, deu início a sua carreira literária no ano de 2020, quando publicou uma autobiografia. Já no ano de 2024, publicou, entre outros, o livro: Meu Querido Diário, em época de pandemia.



Gerson Augusto Jr.

Findava a madrugada...
A brisa vinha de longe
semeando mansidão
E o sol chegou traçando com
pincéis de luz
as cores vibrantes do
portal da manhã

O povoado ainda dormia
A praia estava deserta
E
Vagas deslizavam
na areia...

O guarapirá pousou
na proa da jangada
cantou e
alçou um voo agitado

O mestre observou em silêncio
a agitação do pássaro...

Os pescadores estavam sem pressa
conferiram cuidadosamente
os apetrechos de pesca
E com destreza rolaram
a jangada para o mar
içaram a vela
Acertaram a rota da navegação
E
partiram...

Aos poucos deixaram para trás
a segurança da terra firme

Em cada partida a possibilidade
do encontro com
o incerto
o inesperado
o perigo

O mais jovem cantarolou
uma canção de amor
Outro comentou sobre
a saudade do filho pequeno
Somente o mestre manteve-se
calado
E pensativo....
O pássaro agitado não abandonou
seus pensamentos....
O guarapirá era o encantado
emissário dos ventos...

O mar estava tranquilo
as redes pesavam
evidenciando uma captura generosa

De repente
o vento passou raivoso
uivando feito lobo enfurecido
As águas cresceram
E
açotaram a jangada

Os pescadores ficaram
atônitos
diante do duelo implacável
entre o vento
E as águas

Olharam para o alto
pronunciaram breves palavras
de devoção
E
fizeram o sinal da cruz...

Um vagalhão explodiu sobre a popa
 O leme partiu ao meio
 O pano da vela rasgou
 O mastro tombou
 E a jangada agonizou sem rumo...

Aos poucos o vento serenou
 E a calmaria se estendeu
 sobre a superfície marinha...

A tarde declinava sorrateira
 O sol deitava no horizonte
 E
 imprimia no céu
 um amarelo incandescente

Na praia crustáceos
 corriam na areia
 Crianças brincavam com
 embarcações imaginárias
 perseguiam peixes invisíveis
 E capturavam cardumes
 de sonhos...

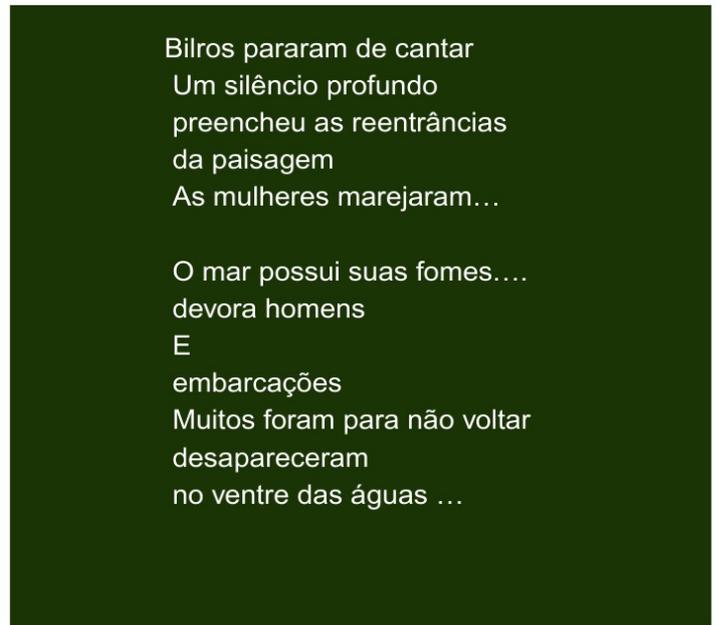
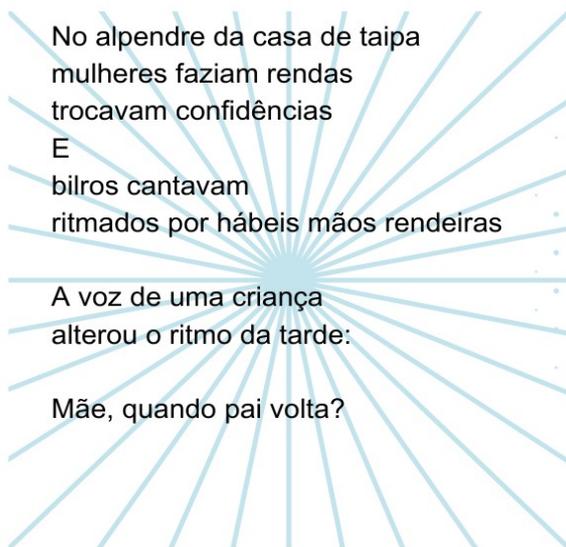
No alpendre da casa de taipa
 mulheres faziam rendas
 trocavam confidências
 E
 bilros cantavam
 ritmados por hábeis mãos rendeiras

A voz de uma criança
 alterou o ritmo da tarde:

Mãe, quando pai volta?

Bilros pararam de cantar
 Um silêncio profundo
 preencheu as reentrâncias
 da paisagem
 As mulheres marejaram...

O mar possui suas fomes...
 devora homens
 E
 embarcações
 Muitos foram para não voltar
 desapareceram
 no ventre das águas ...



Gerson Augusto Jr. nasceu em Fortaleza em 1966. É antropólogo e professor da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Participou de coletâneas literárias e concursos de poesia. Teve seus poemas selecionados pelo concurso literário do Ideal Clube nos anos de 1998 e 2001.

A POESIA DE SOPHIA JAMALI SOUFI

Confesión

Mis párpados no esperarán más
 El invierno es eterno
 Por todo mi cuerpo
 no estás en ninguna parte
 pero yo
 te veo en todas las calles
 Tus ojos son la
 honestidad de los espejos
 Tu hombro es la
 estabilidad de la montaña
 Tus manos son
 más valiosas que el sol
 Él presagia el mañana
 no estás en ninguna parte
 Sanar el dolor era una palabra inútil
 tal vez
 Sólo los besos son bálsamo
 Por las heridas del tiempo
 Pero mis labios ya no creen en la sonrisa de
 ningún corazón...



melancolía

No hay escapatoria
 No la capacidad de olvidar
 Te busco en esperanzas y sueños
 sombra a sombra
 aliento a aliento
 te estoy buscando
 En un lecho de rocío
 me mezclo con besos
 Tus manos cubren todo mi ser
 La seda del alma se enciende

En auras de dolor
 Dos ojos negros se escapan de mi
 mirada
 la noche
 toda la noche
 será liberado
 Con el aroma de tu cuerpo desnudo
 ¿Estoy dormido o despierto?
 No sé...

Sophia Jamali Soufi nasceu em 2001, Rasht, Irã. Especialista em arquitetura/designer de moda. É poeta e escritora. Seu primeiro livro, intitulado "Memórias de Sophia", foi publicado em 2023. Seus poemas são escritos principalmente em persa, e já foram traduzidos para inglês, português, francês, espanhol, turco e alemão em diversas revistas e sites literários.



REVERSO

Patrícia Leite

Nasci brincando com a luz que me saudava
 No mesmo instante fui morrendo
 Fui brigando e me espaçando da vida que me
 empurrava
 A cada passo e suspiro fui enlouquecendo.

Eu cresci por fora
 E minguei por dentro
 Não posso voltar atrás agora...
 Não quero mais me equilibrar no centro.

Eu sempre fingi equilíbrio
 Eu não experimentei nenhum alívio
 Nunca quis ser especial
 Sempre preferi o banal.

Minha palavra predileta sempre foi não!
 Minha alma sem paixão.
 Meu prazer tentação.
 Minha vida cheia de ilusão.

Eu não sei mais quem sou...
 Alguém minha essência roubou
 Não sei em que direção vou
 A luz que me movia voou.

Hoje já estou morto
 Ainda no corpo absorto
 Por que para morrer, basta desistir
 Perdi minha identidade quando deixei de sentir.

Arrependimento
 Descontentamento
 Ressentimento
 Sofrimento
 Desalento
 Estou jogado ao vento.

Resultado: Doença...
 Nenhum pensamento criativo
 Falta de crença
 Dilacerado e soropositivo.

Estou aos poucos me despedindo
 Lentamente partindo.
 Na escuridão explodindo.

Eu choro
 Nunca soube o que era sorrir.
 Eu seguro firme o braço no soro
 Espero paciente o que está por vir.

Vejo um par de olhos cheio de devoção
 Na voz que me abraça o coração

Não posso te amar, perdão!

O sol brilha ali na frente
 Quem sabe noutro mundo...
 Nova chance, nova esperança latente
 No poço estou no fundo...
 Fecho os olhos num mergulho profundo.

Saio da vida...
 Não que tenha tido temperança
 Eu acreditei em tudo que via, minha
 querida!
 Mas o sol entrou por trás da montanha...
 Levo na memória muita esperança.

Não chore meu amor...
 Chega de dor!

Patrícia Mara Santos Pereira Leite Barbosa, formada em Pedagogia, Letras e pós graduada em Psicanálise dos Contos de Fadas. Autora do livro: "Estrada" publicado e lançado em 2015 e do livro "Contando Conchas no Oceano da Alma" publicado e lançado em 2024. Com vários prêmios literários e membro de duas academias de Letras: cidade Cachoeiro de Itapemirim no estado de Espírito Santo e ACLAMA(Academia de Letras e Artes de Aparecida no estado de São Paulo). Um amante da ARTE!!!



PEDRA DO ITACAIÚNAS

Carlos Henrique Carrilho Cruz

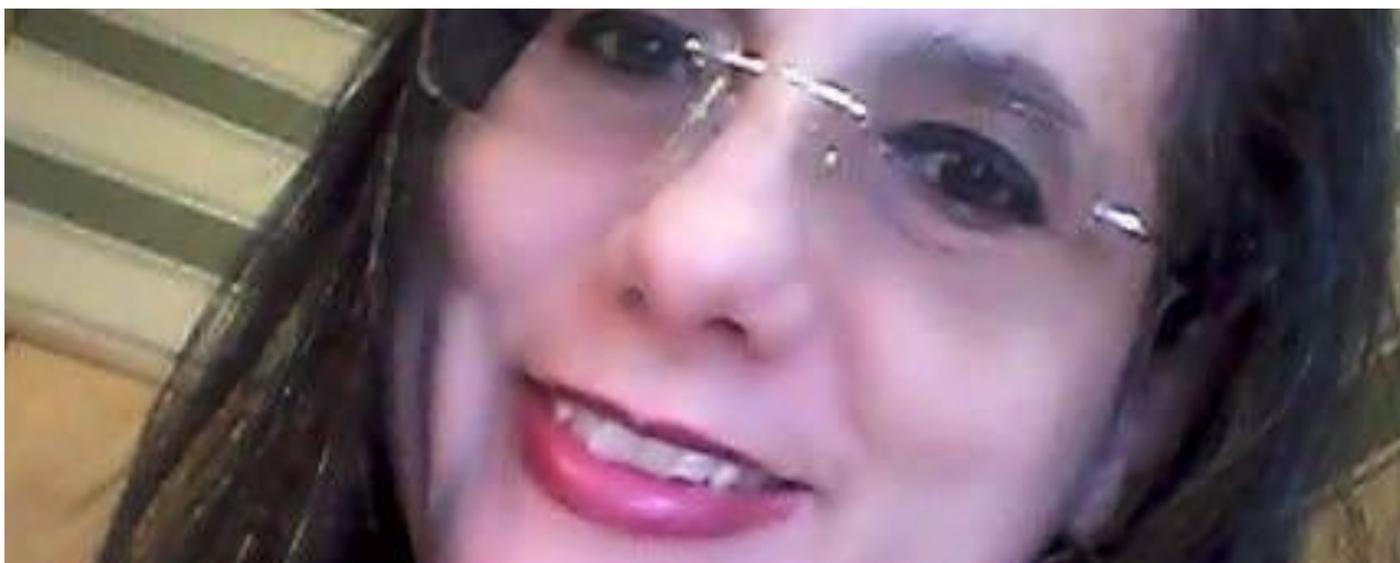
As dores curtiram-me a alma,
 Outrora doce e fecunda.
 Sou hoje, meio pedra do Itacaiúnas,
 Dura, lisa, escorregadia.
 Deixo-me passar por águas caudalosas
 Que me entranham a alma.
 Águas de dor, de solidão!
 Águas de falta, de ainda-não

Pontas de mim olham o sol por sobre as águas.
 Flores brotam do que resta de ternura e de afeto
 Da greta de aconchego que fui!
 Balançam frágeis, ao sabor do vento e das águas.
 O tempo fá-las murchar,
 As águas, renascer,
 Não gero frutos,
 Gemino sementes
 De um amor que não brota,
 Se esconde, tenta apontar,
 Temeroso das águas estranhas!

Tocantins, Itacaiúnas
 Remansos e pedras,
 Indivisas e unas
 Negras e claras,
 Precisas e duras!

Eu, pedra.
 Eu, flor.
 Eu, semente de amor!
 Flor dura,
 Flor-pedra.
 Flor que brota e medra
 Em minh´alma cheia de dor!

Carlos Henrique Carrilho Cruz – formado em Letras Português-Francês e Mestre em Educação pela UFF. Pedagogo, com experiência em Direção; ex-Coordenador do Curso de Pedagogia, Campus Madureira, da Universidade Estácio de Sá; Coordenação Pedagógica e Professor aposentado do Município do Rio de Janeiro. Livros publicados: Planejamento em sala de aula (em coautoria com Danilo Gandin); Conselho de Classe; Espaço Diagnóstico da Prática Educativa.



REVISTA SARAU

Luciana do Rocio



A revista Sarau tem mais que Poesia
Ela é a real fonte de sabedoria
Lá tem o mais puro conhecimento
Com alma do mais puro sentimento

Cada página é uma asa macia
Onde um anjo com maestria
Seleciona palavras com brilhos
Porque elas viram trilhos

Para o trem da felicidade
Só é feliz quem lê de verdade.

Luciana do Rocio Mallon, em 2009 fez parte do Conselho de Leitores da Gazeta do Povo. Durante um ano foi voluntária no programa de lives virtuais, Cultura Com Luciana do Rocio, na programação da rádio web TV Amor e Vida. Desde 2022 é voluntária das lives culturais da Revista Sarau das Artes. Desde 2016 é voluntária da revista A Empreendedora. Também é rapper de batalha de rimas e faz poemas de improviso estilo repentista. Já participou de várias antologias e ganhou muitos concursos literários. Escreveu os livros Lendas Curitibanas 1 e Lendas Curitibanas 2.

Instagram: @ lucianamallon – Whats: 41996512567

o que sobra depois

Enrico Pierro

ninguém fala muito sobre o depois. falam do fim, da dor, do rompimento. mas ninguém fala sobre o que sobra. sobre o que fica ali, espalhado pela casa, pela pele, pelos pensamentos. o depois não é o fim, é a continuação silenciosa dele. é o eco da ausência, o som abafado de tudo que não foi dito, a bagunça que a gente precisa recolher sozinho.

depois que acaba, fica o hábito de olhar pro lado na hora de contar uma novidade. fica o impulso de dividir uma coisa boba do dia. fica aquele tipo de saudade que não é mais sobre a pessoa, mas sobre quem a gente era quando estava com ela. o depois é esse espelho estranho que mostra não só o que se perdeu, mas também quem fomos — e quem não somos mais.

e é nesse depois que a gente reaprende. não de forma bonita, linear, cinematográfica. mas aos tropeços. entre uma recaída e outra, entre um “agora vai” e um “ainda não”. o depois é feito de tentativa. de sobrevivência emocional. de se reconstruir sem saber ao certo o que fazer com os cacos.

no fim, o depois não é o vilão da história. ele é só o espaço em branco onde a gente pode escrever alguma coisa nova. às vezes tremendo, às vezes errado, mas ainda assim escrevendo. porque mesmo que não dê pra apagar o que passou, dá pra continuar. e continuar, mesmo sem saber como, já é um recomeço.

e o mais curioso é que o depois, por mais dolorido que seja, é também um lugar de revelações. no silêncio que fica, a gente começa a ouvir outras vozes — as nossas. percebe que algumas dores não eram só saudade, mas medo. medo de estar só, medo de recomeçar, medo de encarar quem a gente se tornou enquanto tentava manter de pé algo que já tinha desabado por dentro.

o depois é quando caem as justificativas. quando já não dá pra se esconder atrás do “é por causa dele” ou “é ela que me faz mal”. no depois, só sobra a gente. cru. sem desculpa, sem distração. é duro, mas é ali que mora uma das chances mais bonitas de reencontro. é nesse vazio cheio de ecos que, às vezes, a gente escuta um sussurro que diz: “volta pra você.”

porque é só no depois que a gente entende que algumas coisas não eram amor. eram necessidade. eram tentativa de tapar um buraco antigo com um afeto emprestado. o depois rasga, mas também limpa. mostra onde doía de verdade, onde sangrava faz tempo e a gente só foi colocando curativos por cima.

também tem beleza no depois. tem dias em que o ar volta a entrar mais fácil. tem manhãs em que o café não vem mais com gosto de lágrima. tem risos que escapam sem culpa, e fotos que a gente já consegue olhar sem apertar os olhos. o depois ensina devagar, mas ensina. que a vida não para nos finais, que o amor-próprio também precisa de espaço, que a solidão pode ser um terreno fértil e não só um buraco escuro.

no fundo, o depois é só o intervalo entre quem a gente era e quem está tentando nascer. não é um castigo, é uma travessia. e como toda travessia, dá medo, dá enjoo, dá vontade de voltar. mas se a gente segue, mesmo aos trancos, uma hora chega do outro lado. e lá, quem sabe, a gente se encontra de novo. ou se inventa de um jeito que nem sabia que era possível.



Enrico Pierro, nascido em 1986, é escritor, poeta e apresentador, conhecido pela sensibilidade literária e estilo único. Sua estreia, *As Marés do Meu Ser*, trata de autoconhecimento e superação, com uma escrita intimista. Participou de antologias literárias como *Antologia Dante Alighieri* e *Antologia Raízes*, colaborando com escritores lusófonos. Reconhecido por prêmios como o Prix Parisian de Littérature, foi também eleito Personalidade do Ano 2024. Além disso, é apresentador do podcast ABCPod, focado em cultura e literatura. @enricopierrofc

Ainda tenho medo do escuro

Sergiane Gomes de Lima



Foto: Divulgação

Medo de acordar e perceber que as luzes já não podem ser acesas;

Medo de descobrir que as pessoas não são o que pareciam ser, ou pior, que nunca foram o que pensei que eram;

Medo de me olhar no espelho e ver que me tornei uma “foto emoldurada pendendo na parede”, esperando que as pessoas passem e soltem algum elogio ou crítica (marcas de percepção);

Medo de descobrir que as luzes sempre estiveram apagadas e, que a novidade que sempre me faltou foram os feixes de luz;

Medo de perder o medo das coisas ruins e não suportar as boas;

Medo;

Simplesmente medo, medo de perder o medo, e assim “coisificar-me”!

Sergiane Gomes de Lima, natural de Sobral-CE e residente em Coreaú-CE, formada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, especialista em Linguística e Formação de Leitores pela Faculdade Venda Nova do Imigrante – FAVENI, professora na rede Municipal de Ensino de Sobral e na rede Estadual de Ensino do Ceará. Usa a literatura como forma de tentar dizer o indizível, o que não precisa ser explicável ou entendível.

A leve onda do sul

A Marcelo Rubens Paiva

Sebastião Amâncio

Havia uma leve e controversa onda no sul
Toda transvestida de verde, amarelo e azul
Com canhões de festim em farrapos
Acabou seus dias aos trapos
Como nos bélicos e cinzentos dias de Cabul



Marcelo Rubens Paiva

Foto: Divulgação

Sebastião Amâncio é Licenciado em Letras Português/Inglês pelo Instituto Federal do Paraná – IFPR. Autor de ‘O menino do Passo’ (romance); ‘Cabra Marcado Pelo Destino’ (romance); ‘Roman e o silêncio da floresta encantada’ (infanto juvenil) e ‘Memorial Poético Brasileiro’ (poesia). Participa ainda de várias antologias poéticas. Premiado em 2023 com o 1º lugar no VI Concurso de Poesias da ACLAOB (Academia de Ciências, Letras e Artes de Ouro Branco/MG), na categoria nacional, com o poema ‘O moderno tupiniquim’. É também professor na educação básica, nos componentes de língua inglesa e língua portuguesa e imortal da Academia Interamericana de Escritores (AINTE).

AQUI VAZ UM POEMA

Ricardo Lacava

Josés, Marias,
Filhos e Netos,
Ventura de uma nova era,
Madeira dura,
Machado afiado,
Marcada a ferro, Ferreira,
Caminhadas e Andrades de uma vida inteira!

Poesia do terceiro mundo,
Entre Callados e Amados,
Bandeira fincada no chão!
Jardim repleto de Rosas, Ramos,
Barros a sujar as mãos,

Oliveiras (Alberto), Limas, Carvalhos,
Ponte Preta no meio do Prado.
Ribeiro, Campos, Matos,
Rochas, Montes, Lagos,
Anjos que nos abençoam, abençoaram!

Dias e noites,
Marios, Paulos, Alves,
Entre Anjos e Santos,
Cecílias e Gonçalves,
Carolinas e Coralinas,
Conceição e Trindade,
Poemas que deixam saudade,
Cada qual responsável por Sua Suna (árabe “caminho trilhado)
Com uma Gama de palavras...
Fazendo o povo pensar!

RICARDO LACAVA é autor do romance “Infecundo solo”. Vencedor do Prêmio Literário Uirapuru 2019, categoria romance, com o livro “Astúncio, o estúpido esclarecido”, Editora Folheando, 2020. Vencedor do XIV Prêmio Literário Livraria Asabeça 2015 com a obra “O Canto do Urutau (A Lenda do Mãe-dalua)”, Editora Scortecci, 2016.

RECOMECE!

Edilândya Alves da Silva

E quando a vida perder o gosto
e tudo for “dessabor”...
Seja sal, tempere o mundo
com o fruto do amor.

E quando faltar a esperança
e o desespero for real,
se cubra de oração,
viva o sobrenatural.

Recomece a lutar,
reaprenda a caminhar.
É hora de recomeço,
recomece a sonhar.

Tire os sonhos da gaveta,
volte a planejar,
não permita que a vida
te impeça de conquistar.

Em cada dor, em cada partida,
uma lição a se tomar.
Nem sempre o mal evidente
é para te paralisar...
Certamente é um sussurro de Deus dizendo:
Nunca é tarde para recomeçar !

Para que haja um recomeço
é preciso ter um fim.
E esse é o maior incentivo
para reacender a chama dentro de mim.

Se refaça, se reconstrua,
foque no que é bom.
Não rejeite os ensinamentos,
reavive os seus dons.

Desperte, acorde,
pare de murmurar!
Refleta com seus erros
e aprenda a recomeçar.

Coloque Deus no início,
faça agora diferente!
Aguente firme, persevere,
siga sempre em frente!

E enquanto dos céus,
Jesus Cristo não voltar,
aprenda q entre os dias
sempre há uma noite para descansar!

Aproveite o descanso
e recarregue as energias.
Vista-se, sorria
e abrace este novo dia!

Em cada dia uma nova oportunidade
para com fé agarrar.
Nunca é tard, é agora,
a hora certa para recomeçar!

Edilândya Alves da Silva, professora da educação básica do Município de Caucaia, apaixonada pela sua profissão. É cearense, nascida em Fortaleza, dando os primeiros passos e se aventurando na escrita. Para ela, escrever é mais do que um hobby, é expressar com palavras aquilo que os lábios não conseguem dizer.

O QUE O OLHO VÊ?

Harry H Carneiro

Se é assim que prefere me enxergar
Enxergue
Mas isso não significa que você está me vendo
Há tanto dentro de mim
Que você está perdendo

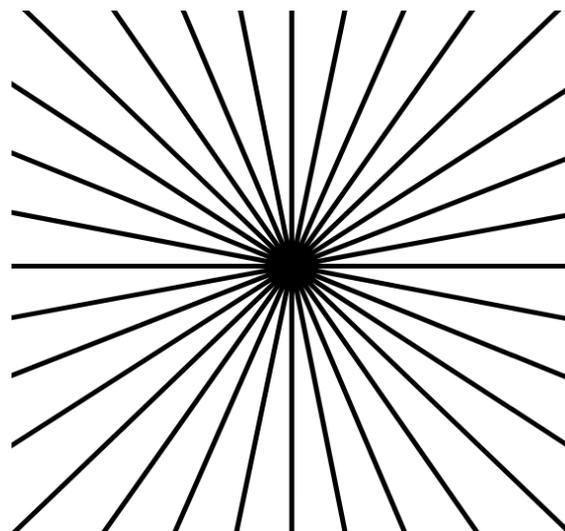
Eu me abro como um livro
Quanto eufemismo
O que mais eu preciso escrever
Que lide com tudo isso?
A raiva, o desespero
O choro faz parte disso?

Eu sou tão visível e nítido
Dá pra ver toda a miséria
Mas estou tão escondido quanto
Como se não tivesse na matéria

Eu grito, aceno, e você responde
Mas você não me enxerga
Me toca, me beija, me poda
E mesmo assim você nega
Quem eu sou, onde estou
Cada átomo que me formou

Nada disso deixa de ser
Só porque você não me vê

Mas eu estou, eu permaneço
Fraco, forte, mas por inteiro
Eu existo, eu resisto
Até quando eu não seja visto
Sou real e verdadeiro



TRATADO

Isabel Barros

Como posso atravessar o deserto do meu coração?
Se o universo me disse pode voar!
E o desejo de ser única não me impede de ficar
Quando penso nessa lei do amor
me despojo do desejo de te abraçar
Através dos sonhos consigo te beijar
Te vejo no sol, na lua, no mar
Na travessia sinto o teu cheiro na água e no ar.
Agora acato o tratado...

Harry Carneiro, formado em redes, buscando uma graduação em filosofia, sem muitas apresentações. Assalariado, estudante, endividado porém rico de espírito. Um brasileiro médio, ou como dizia o poeta, “eu sou como você” que me lê agora.

Isabel Barros, natural de Quixeramobim-CE, sempre teve uma paixão pela literatura. Sua trajetória é marcada por perseverança, fé e dedicação.

Fragmentos

Gabriel Matias

Por muitas vezes me senti fora do que realmente sou, aliás, até hoje não sei exatamente o quê ou quem sou. Sempre fui muito apegada à imagem que outros me puseram diante do meu reflexo. Me sinto conduzida a evitar tudo o que me distancia de mim. Mas como algo estaria distante de si? Como alguém se sentiria distante de si sem ao menos se conhecer? Como posso dizer onde deveria estar se nem ao menos sei onde estou?

Pelos milhões de caminhos que segui, as milhões de frases repetitivas me fizeram acreditar em um eu que desconheço. Copiei ideias, amigos, sentimentos e, muita das vezes, acabei roubando eu's de outros. Tenho tantos outros em mim que desaprendi a ser autêntica. Fiz-me perder o brilho, e hoje, sou apenas reflexo de um complexo bruto - um amontoado de foras, um amontoado de plágios infinitos - nunca um interno, jamais um profundo libertador. O drama, a poesia, o erotismo, a folia, todos esses sintomas diagnosticados pela busca incessante de um único eu - o eu coerente.

Quantas noites perdi pensando em como seria se fosse mais reservada ou mais sociável! Quantas mágoas guardadas pelas minhas versões anteriores... sempre a anterior será motivo de angústia por não ter sido real o suficiente para que não haja mais buscas. Quanto àquela saudade dos desejos sensuais, que por outros amores não retorna, não sei o que pensar. Outros amores significam outros eu's, logo... Quantas cartas devo esboçar para que algum outro eu seja cativado a ponto de enxergar que não há mais necessidade desse "querer ser algo"?

Talvez, ao fim deste relato, este eu de agora seja apenas uma versão descartada e não atendida como planejado. Frequentemente me questiono sobre o que eu poderia ter sido e o que poderei ser. O que precisa ser descrito dentro de mim para que seja compreendido qual de mim eu sou?

Obrigado, Clarice, você me fez construir uma nova versão de um eu passado - o que se desespera por não ter certeza de absolutamente nada sobre si.

Devo ser apenas uma cópia de um sistema falido de existência? Então, sou obrigada, antes mesmo de nascer, a ser um simples modelo de múltiplas metamorfoses ambulantes que se desenvolve e regressa a cada vez que pensa? Pensar demais é doloroso - não pensar é impossível - para meus eu's. A priori sou apenas isso, um grande parêntese complexo e cíclico. Não quero repetir os mesmos erros (tirei isso de outro artista).

Pensar em criar um meio de expressar tudo isso, para mim, é simplesmente um jogo de aspas e travessões. Ouvi por muito tempo que conseguiria ser tudo o que quisesse, entretanto nunca imaginei que seria tão difícil tentar ser eu.

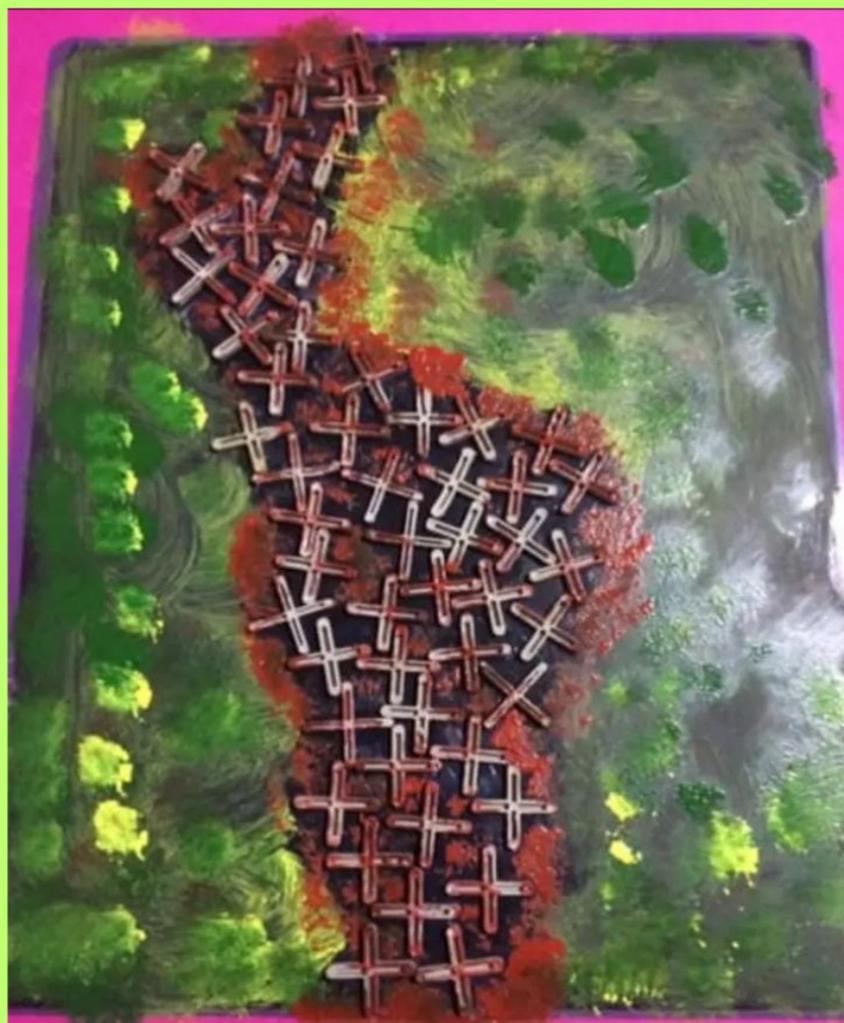
Gostaria de entender o porquê de possuir tantos eu's e nunca conseguir me sentir em mim. São tantas redundâncias, tantos paradoxos, tantos orgulhos de ser diferente dos demais, que isso se torna fútil quando comparado à confusão de indiferença que transborda em minha existência. Não busco uma conclusão, pois enquanto eu estiver pairando sobre este deserto de fragmentações, tudo o que vier aos meus olhos não me será nada para além de miragem.

Gabriel Matias, estudante de Letras - Português e Italiano na Universidade Federal do Ceará, é um caçador de palavras e significados. Entre livros e cafés, escreve poesias que misturam questionamentos sociais, labirintos psicológicos e aquele toque de filosofia de bar que ninguém esquece. Fascinado por existencialismos e diálogos que começam com 'e se...', compartilha prosas, versos e declamações no Instagram [[@oi.sou.poeta](https://www.instagram.com/oi.sou.poeta)]. Amante do saber, perde-se (e encontra-se) entre expressões idiomáticas, provérbios e mapas mentais que comparam línguas e culturas. Acredita que perguntas valem mais que respostas — e que um bom papo pode durar até o amanhecer.

LATINO



S
A
N
G
U
E



A
M
E
R
I
C
A
N
O

Beny Barbosa, natural de Fortaleza/CE. Graduado em Filosofia e mestrando em políticas públicas. Professor e militante dos Direitos Humanos. Escreve contos e poemas desde a adolescência. Participa de festivais de literatura e de antologias. Em 2021 publicou o seu primeiro livro solo, TEMPOS DE CHUMBO, que aborda a questão da ditadura militar no Brasil. É também arte colagista. A poesia é a voz da alma!

Beny Barbosa, natural de Fortaleza/CE. Graduado em Filosofia e mestrando em políticas públicas. Professor e militante dos Direitos Humanos. Escreve contos e poemas desde a adolescência. Participa de festivais de literatura e de antologias. Em 2021 publicou o seu primeiro livro solo, TEMPOS DE CHUMBO, que aborda a questão da ditadura militar no Brasil. É também arte colagista. A poesia é a voz da alma!

O Último Suspiro da Natureza

Iasmine Gomes de Lima

Era uma vez, em uma época não muito distante, um garoto chamado José. Zezinho, como popularmente era conhecido, gostava muito de aprender coisas novas e era bem curioso. Ele também tinha uma forte admiração pela natureza e adorava falar sobre o meio ambiente. Mas, por ser considerado muito pequeno, ninguém contava a ele como a natureza estava sofrendo por causa das atitudes irracionais dos seres humanos e o que poderia vir a acontecer caso não houvesse mudanças na maneira de agir de algumas pessoas.

Certo dia, Zezinho estava voltando da escola, que não ficava muito longe de sua casa e que ele sempre realizava o trajeto de ida e volta sozinho caminhando. Porém, além do que levava até sua casa, havia também outro caminho próximo à escola - um caminho que levava até uma floresta pouco frequentada. Sua curiosidade falou mais alto e ele resolveu desviar do seu trajeto habitual, indo até a floresta. Ao adentrar a mata, ele avistou uma cena que nunca pôde imaginar, via árvores com seus troncos cortados, folhas caídas e não ouvia nenhum barulho sequer, o silêncio tomava conta daquele espaço. Continuou sua caminhada, tocando as árvores e sentindo-as, percebia que tudo aquilo era muito estranho e sentiu dentro de si como se aquilo fosse um pedido de socorro, tudo aparentava estar se esgotando. Um sentimento de tristeza tomou

conta dele ao perceber que talvez aquele pudesse ser um último suspiro da natureza, talvez ela estivesse se despedindo. Zezinho, com toda sua força de sua vontade e amor pelo meio ambiente, saiu da floresta com uma decisão - iria começar a cuidar melhor ainda da natureza e incentivar as demais pessoas a fazerem o mesmo.

No dia seguinte, ele acordou determinado a colocar sua decisão em prática. Convocou seus pais, seus irmãos e seus amigos para uma reunião. Nessa reunião, ele contou sobre o que viu e sobre os planos que ele tinha, para que tudo ficasse bem e ninguém sofresse com as consequências da destruição ambiental. Começaram, então, a plantar árvores, realizar mutirões de limpeza e campanhas para conscientizar todos em relação à necessidade de um cuidado maior com o nosso planeta. Em alguns meses, era perceptível a diferença no ambiente, estava mais limpo, arejado e o ar parecia que não era mais o mesmo, já que antes dava para sentir como estava exageradamente poluído. Zezinho foi um garoto bem inteligente e esperto, conseguiu perceber os erros que estavam sendo cometidos e amenizá-los, tornando sua cidade mais agradável de viver.

Que assim como Zezinho, possamos também cuidar do ambiente onde vivemos, para que a natureza não venha a dar seu último suspiro.

Iasmine Gomes de Lima - estudante, natural da cidade de Coreaú - CE, mora em um sertãozinho no meio do Ceará. Leitora, sonhadora e, por vezes, escritora, almejando um futuro na área da saúde.



Todas as declarações de amor são urgentes, pois nós vamos morrer

Sarah de Andrade

Por alguns segundos de distração, ao não olhar o retrovisor do carro, senti que veria a morte de alguém que amo ao meu lado. Inerte e impotente, ficaria naquele instante-tempo, em que outro carro, em alta velocidade, atravessaria a porta do motorista ao meu lado e não só atravessaria de forma dilacerante, mas também o meu coração e outros tantos corações ligados a ela.

Naquele dia, após o susto, pouco consegui comer. A comida estava indigesta, o refrigerante ficou insuportavelmente doce, a cerveja ficou quente e passava inchando pela minha garganta, e nem mesmo a paisagem ao almoçar de frente para um mangue me

comoveu. Não havia nada mais ali que me comovesse diante da possibilidade de ter perdido alguém.

Os dias seguintes trouxeram lembranças e sensações excruciantes que já eram doloridas vez ou outra, mas o episódio do carro trouxe de volta.

Lembrei-me de quando criança, por pouca habilidade de expressar verbalmente os sentimentos, jamais disse para minhas melhores amigas o quanto as amava. A vida foi nos distanciando e trazendo outras pessoas, mas a elas nunca disse.

Aos 14 anos, pela pressa em precisar sair de casa para chegar à escola na hora

certa, não vi minha avó, que iria fazer um procedimento médico, e, a partir das complicações que ocorreram, ela faleceu, sem que eu tivesse conseguido vê-la em vida antes de sair de casa e dizer: "Eu te amo". A reencontrei depois de 25 dias, sem vida, movimento, expressão. Olhei-a, e ali não adiantava mais dizer nada. Recordo-me de, naquele dia, ter baixado a cabeça e chorado em silêncio por não ter conseguido responder à única ligação que ela me fez do hospital, enquanto ainda consciente, dizendo que voltaria em uma segunda-feira e, antes de desligar, disse: "Eu te amo". Não consegui responder, por mais que tivesse absoluta certeza de que a amava.

Todos os dias, costumo, ao chegar a algum lugar, avisar minha mãe por mensagem de WhatsApp que está tudo bem e sempre terminar a frase com um "Te amo". Sei que, um dia, não haverá mais resposta do lado de lá e talvez, nunca se sabe, do lado de cá.

Já disse "Eu te amo" de forma rasa, da boca para fora. Talvez, um pouco da maturidade que veio com o passar dos anos me tenha dado a possibilidade de não mais desperdiçar essas palavras, jogando-as ao vento ou para quem não as merecia. Amor é coisa valiosa, e não só o amor romântico, mas todo tipo de amor que influencia as nossas diversas relações enquanto seres sociais e, acima de tudo, seres humanos, demasiadamente humanos.

Estou professora há mais de uma década e constantemente recebo cartinhas

com declarações afetuosas e despretensiosas de quem gosta ou ama de graça. Foi então que entendi um pouco que o afeto, o amor, precisa ser dado sempre, sem esperar ouvir nada em troca. É dizer, expressar, só isso. Guardo todas essas expressões escritas ao longo dos anos e, quando sinto faltar amor em mim, leio-as, e algo se fortalece aqui dentro.

Compreendo que o tempo está passando cada vez mais depressa para mim, que os dias, de forma ininterrupta, me levam, nos levam para a finitude. Mas espero que a minha e a sua, caro leitor, demorem bastante, embora, ainda assim, chegarão em algum momento. Não desperdicemos nenhuma oportunidade de declarar o nosso amor aos nossos. Se, assim como eu, tiver alguma dificuldade de dizer "Eu te amo", seja este amor na prática: presença, colo, mão que não solta, uma mão que espera pela sua, o silêncio-presença que consola com a certeza, seja ela qual for.

Nós vamos morrer, e essa é a única certeza que temos, mas, enquanto matéria viva-vida, que declaremos todos os dias o nosso amor pelos nossos e por nós mesmos. Façamos jus ao trecho da música dos Novos Baianos: "Eu sou, eu sou amor da cabeça aos pés". Ao morrer um dia, que, antes, tenhamos morrido de amor e declarado isso aos quatro ventos, que soprarão por incontáveis anos, com o nosso amor, que permanecerá nos que puderam senti-lo.

Sarah de Andrade, cearense nascida em Fortaleza. Pedagoga graduada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Especialista em Gestão Escolar e em Língua Portuguesa, Literatura Brasileira e Infantil (Faculdade Plus Educação). Está como Professora da rede privada de ensino de Fortaleza há 11 anos. Mulher, Feminista e filha da Eugênia.

O emaranhado que sou

Rafa Chagas

Teus cabelos ficaram por todo lugar. Na mesinha da cozinha onde costumo tomar o café. Na bancada de falso mármore que sustenta a urna que abriga as cinzas de minha avó. Atrás da porta, levados pelo vento. Embaixo da cama, levados pelos mesmos ventos. Fios presos à escova de cabelo, às roupas que uso para ir trabalhar, no ralo do banheiro, enxaguados pela água que te lavou antes de sair... Pedacos de ti que se espalharam pelo apartamento, movidos pelo movimento do teu andar, ganhando terreno desde a nossa chegada abrupta, esvoaçando desatinados nossos corpos, enroscando-nos ferozes e transbordantes de más intenções.

Ao vê-la maquiar-se hoje cedo, pondo novamente o rosto de pétala de lua da noite anterior, com a atenção ainda sonolenta, me pergunto se suportaria não mais vê-la. Aquele pescoço, aquela boca que embriaga mais do que o gim que tomamos ontem à noite. Ah, aqueles seios!

Afeito a tantas lembranças, resolvo reunir as madeixas avermelhadas encontradas pelo caminho e as comprimo em um só concentrado, para que fiquem cada vez mais presas em si mesmas. Ainda têm o cheiro dela. Constato após levar o tufo ruivo ao nariz. Vem um pensamento de guardá-lo, manter sua essência aqui, para competir à solidão de meu ir e vir desgovernado pela sala, quarto, cozinha, sala novamente. Resisto. Mas levo ainda na mão os cabelos que consigo juntar até aqui. Preciso decidir o que fazer, e rápido.

Busco um lixeiro. Onde está o daqui da cozinha? Não importa, há o do banheiro. Porém, logo vejo se desfazerem minhas esperanças, o do banheiro também não está. Ué?! Retorno à cozinha e dou continuidade à minha missão, me desfazer da lembrança palpável que me relegaste (ouviste?!). Tento

redobrar a atenção dessa vez, afinal, como sumiria assim um simples lixeiro de dentro de casa? Para quê? Enfim o encontro. Estava por detrás de uns produtos de limpeza que nem lembrava que tinha. Escondia-se, o bicho. Puxo-o para junto a mim e visivelmente cheio, constato que não há espaço nem para um emaranhado de cabelos ondulados como estes. Meu deus, quanta porcaria ando comendo!

Cato um saco plástico desses pequenos que vivem sempre soltos por aí e enfio dentro o emaranhado, dando dois nós apertados. Forço a barra e dou um jeito de juntar o pequeno saco plástico com os cabelos de minha musa ao lixo doméstico, já abarrotado. O caminhão de coleta deve passar hoje. Não tenho certeza. Mesmo assim, recolho tudo. Só desisto de levá-lo ao lixeiro coletivo do prédio, são quatro andares e ainda sinto um latejar renitente bem no meio da minha testa. Vou esperar os analgésicos fazerem efeito.

Abandono o saco na soleira da porta mesmo. Lembro do lixo do banheiro. Esqueci novamente. Vai ficar para depois. Mas e se o corredor empestar com o odor? Se algum vizinho reclamar à síndica? Dona Marcelina ia adorar bater na minha porta e me entregar pessoalmente uma advertência. O senso de limpeza dela é extremamente aguçado. Capaz de lhe causar um infarto se se depara com um único fio de cabelo por aí. Opto por pagar para ver. Bato a porta e ao me virar e seguir em direção à cama ainda aconchegada pela recente presença da galega dos meus sonhos... o que faz essa sacola de cabelos aí??

Volto à porta, abro e no corredor do prédio ainda está assentado o lixo que acabo de pôr. E o que faz então esse saco de cabelos novamente em minha cama? Agarro-o e sigo

ao banheiro para aproveitar e levar também o lixo de lá, que havia esquecido antes. Encontro-o bem visível ao lado da privada. Mas como? Ignoro este meu lapso de memória e imbuído de um objetivo maior, que é me desfazer daqueles cabelos que tanto me atiçavam a imaginação, desamarro os dois nós feitos na primeira vez, atiro o conteúdo da sacola plástica na privada e dou descarga. Permaneço parado com o olhar fixo na água que leva abaixo, em corrente circular, a cabeleira rubra que tanto me fez bem, mas sinto que, por algum motivo, ainda não me abandonam completamente.

Estranhamente, acabo vendo razão em meus pressentimentos e de súbito os dedos de minha mão esquerda começam a inchar, pois são apertados tão fortes que a ponta deles começa a enrijecer e até mudar de cor. Os fios do cabelo de sereia deixados por minha *affair* se prendem em mim, avolumando-se, avançando rapidamente pelo antebraço, amarrando seus tentáculos em minha pele, meu tórax, meu pescoço, meu rosto, numa dominância tamanha que me imobilizam da cabeça aos pés.

Pedir socorro não surtiria o resultado esperado, já que em poucos segundos, enquanto tento me desvencilhar a todo custo dos cabelos enovelados que me sufocam, não consigo pronunciar uma palavra sequer. Desespero-me. Não consigo me mexer e a voz não passa de um sussurro aflito a compor a trilha de meu apuro. Bem que Dona Marcelina poderia atender sua compulsividade e bater em minha porta agora. Mas seria capaz de, mesmo

sabendo de meu estado, ainda assim me deixar aqui com esses hilos mortais a me devorarem.

De pé, no centro do banheiro, com dificuldade, distingo no espelho embaçado e suspenso na parede a minha imagem sendo tomada pelos fios que se prendem mais e mais em meu corpo. Tento ir com dificuldade em direção à saída, mas não consigo passar da pia branca próxima a mim. Grito, mas sai um ruído oco. Decidir gritar não quer dizer que chegaria realmente às vias dessa ação. Sinto os filamentos atravessarem minha carne e o máximo que consigo é piscar. Pescoço, ombros, pernas estão inutilizados. Solução. O ritmo de minha respiração diminui um pouco mais a cada suspiro espremido dentro de mim. Agonizo. É impossível fugir de tão mortífero abraço e definitivamente sou levado a concluir que não mais disponho de tanto tempo como na noite passada, quando parecia fazer amor com a eternidade.

Prestes a ser completamente vencido, no momento em que me sentia escorrer por entre esse bolo de mechas ruivas, convertendo-me parte sua, não hesito e redondamente decidido, busco no bolso do jeans usado na noite anterior o lenço de papel onde anotei o número dela, e de uma vez por todas, ligo.

– Alô!...

Desde então, não vivo mais solto por aí, passei a viver emaranhado nos cabelos vermelhos que nunca mais se desprenderam de mim.

Rafa Chagas - graduado em Letras/Espanhol pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Especialista em Linguística e Literatura pela (UEPA/DOM ALBERTO). Em 2011 publicou seu primeiro conto, "*Crime perfeito*", publicado na *II Antologia PROEX/UFPA DE POESIA, CONTOS E CRÔNICAS*. Autor do livro, "*As últimas folhas do diário*", Editora Folheando, 2021.



A CASA DOS GRITOS LANCINANTES

Beny Barbosa

Era sábado. O Café estava lotado. Havia muitas pessoas; algumas se abrigando da chuva que começara a cair; outras, esperando o museu abrir. As mesas estavam lotadas e os garçons corriam de um lado para o outro. No fundo, Márcia estava se sentindo incomodada com aquele ambiente barulhento. Contudo, engatou uma conversa descontraída com a amiga:

–Márcia, soube que tem uma exposição muito bacana no museu. Todo mundo está indo ver. Vamos até lá? – sugeriu a amiga.

–É sobre o que?

–Não sei bem, mas uma colega me disse que o título era *A Casa dos Gritos Lancinantes*.

–Deus me livre, Isabel! Você sabe que eu não gosto desse tipo de tema!

–Ah, Márcia, mas eu adoro! Dever ser sobre aqueles monstros de filmes de terror que passam nos cinemas. Se você não gostar, a gente vai embora.

Márcia fez cara de muxoxo, mas acabou cedendo, sob a condição de não demorarem.

Partiram em direção ao museu. Chegando lá, a fila estava imensa. Márcia fez

menção de voltar, mas Isabel insistiu. Por fim, depois de vinte minutos na fila, as duas amigas conseguiram entrar. Após atravessarem algumas salas com exposição de quadros e esculturas, se depararam com um enorme cartaz com a imagem de uma casa grande, de janelas fechadas. Em letras garrafais vermelhas, o título: A CASA DOS GRITOS LANCINANTES. Antes mesmo que o guia apresentasse a exposição imersiva, Márcia engoliu em seco; um gatilho de lembranças passou a povoar sua cabeça. O guia conduziu o grupo a um corredor largo. Nele, iluminadas por uma luz amarela, fotografias que ele foi logo tratando de explicar—Esses registros fotográficos, na sua maioria, são do fotógrafo holandês Onno Boomsma. O foco do trabalho dele não era os eventos, mas as pessoas protagonistas deles. Portanto, aqui são algozes e vítimas da ditadura, assim como eu. Essa informação fez Márcia engolir em seco. O homem continuou apresentado as pessoas das fotos, até chegar especialmente uma: – esse aqui é o coronel Guimarães, um dos maiores torturadores desse período. Foi treinado no exterior e trouxe para cá, as mais qualificadas

técnicas de tortura. Após tantos anos, Márcia acabara de descobrir a identidade de seu algoz. Sem querer, deixou escapular uma lagrima. Isabel notou, puxou para perto de si e disse baixinho:

–Que história, né amiga?! Agora é o último cômodo. Parece que é o quintal.

“Márcia foi levada a uma espécie de quintal. Lá, foi amarrada a uma árvore. O chefe só tinha uma pergunta, que a repetia por horas a fio:

–Onde estão os outros?

–Eu não sei! Eu não sei! –respondia ela.

Em silêncio, o chefe fez uma indicação para os homens. Eles pegaram um pote e lambuzaram todo o corpo de Márcia que naquele momento, só tinha forças para chorar. Em seguida, abriram uma caixa de madeira e de lá, saíram milhares formigas, que logo tomaram o corpo dela. Gritos de pavor e choro preencheram o ambiente. Os homens se retiraram. Contaram a sua morte como coisa certa”.

Voltando a si, Márcia não se conteve e saiu correndo por entre as pessoas. Isabel não entendeu nada e saiu correndo atrás da amiga. Só conseguiu falar com ela depois que estavam no apartamento:

–Márcia, o que foi que aconteceu?

Em silêncio, Márcia foi até um armário e de lá, retirou uma caixa de papelão. Colocou-a sobre as suas pernas e começou a mostrar fotografias e recortes de jornais. Aos poucos, Isabel foi conhecendo a verdadeira história de sua amiga. O maior choque foi quando ela lhe contou que a moça das formigas era ela própria. Revelou-lhe que só conseguira escapar daquela casa porque um mendigo escutou os seus últimos gritos. Isabel quis saber:

–Amiga, somos amigas há tanto tempo... Por que você nunca me contou essa história?

–É uma história tão tenebrosa que eu prefiro esquecer. Marcelo, meu marido, sofreu muito. Ele dizia que essa dor, não era só minha, era dele também.

Isabel ficou surpresa em saber que a sua melhor amiga havia sido vítima da ditadura militar. Escritora que era, daria a sua contribuição escrevendo sobre o assunto. Pegou o livro que Márcia havia emprestado: BRASIL NUNCA MAIS¹:

(...)que molharam o seu corpo, aplicando conseqüentemente choques elétricos em todos o seu corpo, inclusive na vagina; que a declarante se achava operada de fissura anal, que provocou hemorragia; que se achava grávida, semelhantes sevícias lhe provocaram o aborto. (...)²

Beny Barbosa - natural de Fortaleza/CE. Professor e militante dos Direitos Humanos. Contista e poeta. Em 2021, lançou o livro *TEMPOS DE CHUMBO*, pela Editora CARAVANA. Foi o vencedor do Concurso de Contos da Revista Eletrônica *A ÚLTIMA PÁGINA*. Membro do Clube de Leitura CONVERSA e Arte Colagista.

¹ Brasil: nunca mais/Arquidiocese de São Paulo: Prefácio de Dom Paulo Evaristo Arns. – 39. Ed-Petrópolis, RJ:Vozes,2011.

² Depoimento da estudante Regina Maria Toscano Farah, registrado no livro BRIL NUNCA MAIS. p.48

DIAGNÓSTICO

Alicia Maria Pereira Gabriel

Estou morrendo...

Simples assim. Uma constatação, que em muitos, provoca o desespero de saber que logo não existirá mais. Talvez você pare de ler nesse momento, abandonando essa história incompleta. Afinal, quem quer ler sobre uma pessoa que logo partirá dessa para a melhor, não é mesmo? Uma pessoa perdida em melancolia e em negação. Um flagelo da sociedade, que se nega a lutar pela vida.

Para você que ficou, você deve gostar de um sofrimento alheio, ou apenas encontrou em mim uma pessoa simpática, – a quem quero enganar? Nunca fui simpática, e não é agora, que estou à beira da morte, que vou me tornar – ou ainda uma versão de si mesmo, daqui a alguns anos talvez?

Com certeza estão se corroendo, a pergunta crucial a zanzar em suas cabecinhas. Perguntam-se de que doença padeço; qual o mal que me aflige, não é mesmo? Pois bem, preparem-se para perceber o quão simplório é meu caso, e o quão desnecessário é todo esse drama.

Estou definhando dia após dia de câncer de pulmão. Do tipo agressivo e incurável – o melhor tipo, certamente!

Sim, eu fumo. Sim, três a quatro cigarros por dia. Sim, o verbo no presente mais que perfeito está correto, eu ainda fumo, e sim, a trinta anos venho me degradando e me moldando no que um dia viria a ser hoje, nem mesmo uma sombra do que fui ou um dia sonhei ser.

"Sonhei ser... Sonhei ser..."

Sonhos! Não há coisa mais descabida ou infrutífera na vida de uma pessoa do que carregar sonhos na bagagem. Sonhos só são o caminho mais fácil para se chegar ao fracasso. E eu sou uma prova viva, – quase morta, é verdade, mas ainda viva – de tudo isso.

É chegada a hora do julgamento. Certamente você se questionou: "Mas por que essa pessoa continua alimentando a doença que a está matando?" A resposta é bem mais simples do que você tenha imaginado: Eu simplesmente NÃO LIGO.

A cada tragada sinto que o câncer se fortalece, e sei que momentos de minha vida estão sendo roubados. Mas eu não ligo. Talvez nunca tenha ligado.

Nem mesmo nos anos dourados, quando a vida valia a pena e a felicidade estava no ar, quando estar só não era uma constante.

Mas eu não ligava. Porque...

Esses momentos nunca fizeram parte de minha vidinha de merda, então não me julguem por não ligar. Eu poderia estar em uma cama de hospital, "tentando" sobreviver, mas lhes pergunto: Qual o sentido de fazer isso? Protelar o inevitável? O sentido de tentar continuar no mundo escroto que vivo...

Sem filhos ou cônjuge para chorar a minha morte. Sem família ou amigos para sentir saudades, sem alguém que se importe. Então por que EU me importaria?

No dia em que eu morrer, esse dia que está cada vez mais próximo, indubitavelmente não causarei comoção alguma, ninguém chorará ou

se entristecerá por minha partida, pois para ninguém tenho importância.

Estou só...

Sempre estive só...

E sempre estarei só...

Mas se você pensa que o fato de estar só, fora o propulsor para me tornar uma pessoa amarga, está descuidadamente enganado, eu vivi. Fui feliz. Me diverti e surfei na crista dessa grande onda que se intitula vida. Provei dos prazeres da carne e tive tudo o que um brotinho como eu poderia querer: *Sexo, drogas e rock'n'roll!*

Passei algum tempo na cadeia, (infelizes comunas!) na praia com um grupo hippie (O baseado era massa, porra!), na mata, na ilha, dias obscuros até para mim (*Malvinas is show*)

e até mesmo nas montanhas (vi o pôr do sol na mais alta montanha do Chile).

Senti frio, no inverno do Colorado e o calor de escaldar do Marrocos, dancei sobre as flores de cerejeiras caídas no outono em Mogi e corri em meio a girassóis em uma fazenda particular no interior Mato Grosso do Sul. Dei um filho indesejado para adoção, e ignorei seu choro ao deixá-lo, sem derramar uma lágrima por estar abandonando o futuro de minha prole. E com tudo, todas as minhas aventuras e desventuras, nunca me arrependi de nada.

Nem mesmo de fumar, ao receber meu diagnóstico.

Afinal, todos somos feitos de nossas escolhas, e seja eu quem for, elas me definem.

Alícia Maria Pereira Gabriel, 27 anos, é pernambucana e formada em Letras – Língua Inglesa pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), onde atualmente cursa pós-graduação em Linguagem e Ensino. Em 2021, publicou o livro *Os Monstros Também Amam* pela Editora Sekhmet.

O Ceará é maior que o Brasil?

Fernando Gurgel

Diz o Xico Sá que o mundo todo tem cara de cearense
(in:http://xicosa.folha.blog.uol.com.br/arch2011-07-24_2011-07-30.html, "A cara de cearense e as outras caras", 27/07/2011).

Também, pudera! Espalharam o bichim por todos os cantos do planeta!

Então, se você chegar no sertão do Ceará e encontrar o Brad Pitt montado num jegue a caminho do mercado, não se assuste, é apenas um nativo do Crato. Se der de cara com a Jolie varrendo o terreiro nos confins de Tauá, podes crer que é Dona Fransquinha, que nasceu, se criou e nunca saiu de lá.

Mas não é de assustar que tenha gente parecido com cearense em todo o canto, conforme explico abaixo. O que me deixa intrigado é ver o tanto de gente que ainda tem no Ceará.

Não é brincadeira, não.

Quando pretendiam povoar a Amazônia, jogaram um monte de cearenses nos navios e despejaram no Deserto Verde. Segundo Fernandes Távora: "O Tapajós, o Xingu, o Madeira, o Purus, o Juruá, o Javari, o Japurá foram invadidos, penetrados, revolvidos, desbravados, por esses homens desamparados que tinham como único incentivo a sua vontade inflexível de vencer".

Povoaram aquilo tudo de cearense.

Quando começaram a industrializar o País, o que fizeram? Pegaram mão de obra barata - a China nem tinha sequer pensado nisso - no ciarazim, botaram nos pau de arara e mandaram pro Sul Maravilha (Henfil). Misturaram cearense com espaguete, chucrute, acarajé e buchada, que aquilo inchou tanto de gente que virou um formigueiro.

Uma explicação histórica: pau de arara naquela época era transporte coletivo de araras, a ave, depois que começaram a mandar cearense para o sul virou sinônimo de transporte de gente, que acabou virando sinônimo dessa gente e, bem mais tarde, quando não precisaram mais da gente, virou um pau onde penduravam os que resolviam pensar ao invés de chorar.

Muito tempo depois, gritaram: Vamos fazer Brasília! Onde tem gente com fome? No Ceará, claro! Enche um monte de pau de arara com os pau de arara tudo e manda lá pro Planalto Central. Eles tão acostumados com mosquito, seca e pau retorcido, que são abundantes na região. Deu tão certo que, além de Brasília, construíram e povoaram Ceilândia, Taguatinga, Samambaia, Candangolândia, Gama, Sobradinho, Paranoá, Estrutural, Recanto das Emas, Santa Maria, Varjão, São Sebastião, Guará, Cruzeiro, Lago Norte, Lago Sul, Águas Claras... Ufa!

E continuaram povoando o Centro Oeste! Vide Cidade Ocidental, fundada e construída pelo cearense Cleto Meireles e afundada pelo BNH. Depois vieram Valparaíso, Cidade Osfaia, Águas Lindas, Palmas...

Aí, inventaram de construir uma baita usina hidrelétrica quase no finalzinho do mapa do Brasil. De novo: rebolaram um magote de cabeça chata em Itaipu! Misturaram com um monte de hermanos e fizeram uma salada étnico-etílica de onde resultou a maior geradora de energia limpa do planeta.

Daqui a pouco, até chinês vai se render, porque lá apesar de ter mais de um bilhão de pessoas, estão todas concentradas no mesmo País. Se fizerem um censo do pessoal espalhado pelos quatro cantos do mundo creio que a quantidade de cearense será maior.

E, até hoje, tem cearense se espalhando pelo mundo. Ou antes, melhorando o mundo, claro.

Por isso, creio que o Grande Irmão do Norte não precisa se preocupar com o crescimento populacional da China, não.

Fernando Gurgel Filho - Economista e servidor público federal aposentado. Publiquei um livro de contos, intitulado *Plano Piloto*, mas retirei-o de circulação. Em novembro de 2002 participei da mostra em Homenagem ao Centenário do Poeta Carlos Drummond de Andrade, onde foi publicada coletânea pela Secretaria de Relações Institucionais do Banco Central em BH. Fui 26º colocado no Prêmio SESC de Poesia Carlos Drummond de Andrade - Edição 2007. Finalista e participante de várias antologias de contos, crônicas e poesias.

Uma Novela Sobre a Perda da Inocência

Eduardo Fontenele

A novela “Mirinha”, do autor curitibano Dalton Trevisan, trata das desventuras da personagem que dá título ao livro. A novela fala de como Mirinha perdeu a virgindade aos quinze anos, com um homem mais velho, o cafajeste João.

João é casado e pai de família. O que não o impede de seduzir a jovem Mirinha. A mãe de Mirinha, dona Marta, descobre que a filha não é mais virgem e as duas brigam feio. O pai também não a quer mais como filha. Mirinha vai morar sozinha. Ela rompe com João e se torna prostituta. A partir daí a descida é ladeira abaixo, rumo ao Inferno.

Mirinha passa a viver em um puteiro comandado pela cafetina Jô. Zezé é uma lésbica que nutre uma paixão por Mirinha, mas é rejeitada pela menina, que alega não gostar de se deitar com mulheres.

Mirinha possui uma irmã que também é prostituta. Quando decide deixar a “vida fácil”, obesa de tanta caipirinha e péssima alimentação, ela vai morar com a irmã. Pouco depois, ela volta para sua família, arrependida de todas as más escolhas que tomou devido à sua imaturidade emocional e cronológica.

Dalton Trevisan, morto recentemente, em dezembro de 2024, aos 99 anos, foi apelidado de “O Vampiro de Curitiba”, que é o título de um de seus livros mais famosos. Foi um advogado e contista com fama de recluso.

Uma das características principais dele era sua aversão à fama, se negando a dar entrevistas e a se deixar fotografar. Trevisan fez parte da escola dos escritores avessos à mídia, entre eles estão Rubem Fonseca, Thomas Pynchon, J. D. Salinger, Elena Ferrante e B. Traven. Uma característica desse grupo é que quanto mais rejeitam o rótulo de célebres, mais curiosidade sobre sua vida pessoal e interesse por sua obra provocam no público. Sem o desejar, ou talvez desejando sim, eles destoam dentro do universo literário mundial, o que atíça a curiosidade de veículos de comunicação sedentos por fofocas, por isso estes autores despertam tanto interesse.

Trevisan também era conhecido por ser um escritor minimalista e perfeccionista. Com o passar do tempo, seus contos foram sendo reduzidos a tamanhos cada vez menores, sendo classificados como microcontos, devido à economia de palavras do autor. Trevisan também trabalhava em seus contos obsessivamente. Ele os reescrevia de uma edição para outra de seus livros, sempre em busca da expressão perfeita de sua arte. Ele nunca parava de reescrever seus contos, nunca ficava satisfeito. Assim como o autor mineiro Murilo Rubião, que buscava a precisão em seus contos e que levava a busca da perfeição de sua arte até o limite da insanidade. Devido à sua obsessão por

perfeição, Rubião produziu uma obra pequena. Já Trevisan, devido à sua longa vida, teve tempo de produzir uma obra extensa, que teve o conto como forma de expressão predominante. Trevisan escreveu um único romance, cujo título é “A Polaquinha”, de resto, ele só escreveu histórias curtas, incluindo a novela “Mirinha”, que possui apenas 87 páginas. Ela pode ser lida em um único dia, ou em uma única “sentada”.

Trevisan não se furtava a abordar temas polêmicos e tabus, como a prostituição e a pedofilia presentes em “Mirinha”. Trevisan foi uma espécie de Charles Bukowski brasileiro, assim como o norte-americano, sua obra é recheada de libidinagem de toda espécie. Há relações homoeróticas, as já citadas prostituição e pedofilia, e até o sexo convencional entre casais héteros.

Dalton Trevisan deixou uma lacuna na literatura brasileira. Foi um tipo raro de escritor, pois foi prolífico durante toda a vida. Morreu ainda escrevendo e com uma verve de escritor no auge da criatividade. Em 2025, completaria 100 anos. O escritor mais longevo que já

existiu nas letras nacionais, quiçá nas letras internacionais. Um que chegou perto de igualá-lo foi Rubem Fonseca, que morreu em 2020, aos 94 anos, e ainda produzindo também, mas, dizem os críticos, sem o mesmo brilhantismo do passado. Fonseca havia se tornado um pastiche de si mesmo, com seu estilo inconfundível, aliando sexo, palavrões e violência brutal.

Além das semelhanças em relação ao estilo de vida recluso, havia algumas semelhanças entre os estilos de escrita de Fonseca e Trevisan. Mas enquanto Fonseca tinha um olhar mais policialesco da sociedade brasileira, Trevisan parecia um cronista das taras e perversões brasileiras. O que nos faz lembrar também de Nelson Rodrigues, mas é um tema de comparação para outro momento.

Dalton Jérson Trevisan escreveu cerca de 51 obras. Na verdade seriam 53, mas os dois primeiros livros ele renegou. Foi agraciado com o Prêmio Camões em 2012 e o Prêmio Machado de Assis, no mesmo ano, pelo conjunto da obra.

Eduardo Fontenele - publicou os livros de contos “*Abstrações*” (2017), “*A Morte de Benjamin Siegel*” (2020) e o romance “*O Mártir Excêntrico*” (2020). Contato: @robertoeduardogon; robertoeduardo33@gmail.com

Ecos de uma trajetória docente: a literatura e o ensino na voz do Professor-pesquisador-extensionista Doutor Francisco Afrânio Câmara Pereira

Entrevistador: Gustavo Tanus
Entrevistado: Afrânio Câmara Pereira³

Esta entrevista com o professor-pesquisador-extensionista Doutor Francisco Afrânio Câmara Pereira, da UERN, *Campus Avançado* de Assu tem a intenção de celebrar os brilhos do professor-pesquisador, cuja carreira foi marcada pela dedicação ao ensino de Literatura e à formação de professores. O professor, como docente da UERN, contribuiu para a formação docente lecionando disciplinas Teoria da Literatura e Literatura Brasileira, na orientação de uma formação para a análise crítica de textos literários. Além disso, coordenou projetos de pesquisa e extensão, incluindo atividades na rádio educativa, contribuindo significativamente para a integração da literatura com a comunidade, refletindo sobre o impacto social e cultural da Literatura.

A perspectiva que nos deixa é de que a Literatura, em nossa contribuição e participação para o ensino, favorece a formação para construção e reforço das identidades. Com uma visão crítica sobre o ensino da Literatura, ele lamenta a falta de espaço para esse ensino nos currículos, mas reconhece avanços com os mestrados profissionais, como o *Profletras*. Agora aposentado, Afrânio pretende se dedicar à escrita literária, uma de suas faces, e continua engajado na reflexão sobre o papel transformador da literatura na educação e na sociedade.

Com sua recente aposentadoria, deixa um legado marcante na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus Avançado* de Assú, onde lecionou por anos, até este ano. Construindo uma carreira lastreada

pelo rigor, pelo amor, pela busca de novas outras formas de entender e ensinar a Literatura, contribuiu com a formação de uma geração de professoras(es) comprometidas(os) com a valorização da Literatura e da Cultura brasileira. Tal foi seu apreço pelo ensino que, quando minhas orientandas e orientando estavam por qualificar seus trabalhos de conclusão de curso, puderam escolher o professor partícipe das bancas e, por desejo deles, o professor Afrânio foi eleito, unísono, como o leitor e avaliador de seus trabalhos. Uma delas, inclusive, disse que o livro objeto de sua análise foi apresentado a ela, pelo professor, em aula de um tempo antanho. Ação que motivamos constar na justificativa de seu projeto – como ações indicação e leitura, as quais não se consegue medir a importância da generosidade.

³ Licenciado em Letras, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, nos meados da década de 1980, defendeu, em 1990, sua dissertação de Especialização, pela universidade em que viria a lecionar, já tendo como preocupação a relação (de poder) entre a Literatura e a Escola. Na Universidade Federal da Paraíba, realizou seu Mestrado, em que estudou os “Caminhos do amor e do ódio”, na obra de Rubem Fonseca, e, no Doutorado deu continuidade ao estudo sobre a autoria do Mestrado, porém, qualificando outros afetos, em análise da “solidão e marginalidade”, em trabalhos que são parte da fortuna crítica de Rubem Fonseca.

O professor, recém-aposentado, pode olhar para sua trajetória, com um sentimento de missão cumprida, cuja contribuição continua reverberando nos corredores da UERN, *Campus* Avançado de Assú, e, por meio de seus estudantes, pelas escolas das cidades da região do Vale do Assú. Deste seu legado vivo, nós olhamos, com a gratidão por sua dedicada vida profissional, preocupado com a formação, no campo das Linguagens, da Literatura e do Ensino. É, pois, tempo de celebrarmos os mais velhos, suas ações, seus caminhos.

Afrânio, como o Coutinho, foi o modo como o professor se apresentou para mim, numa primeira conversa por telefone. Não nos conhecíamos, mas deste modo de se apresentar, aproximando-se de seu xará, a quem conhecemos de antemão por seus trabalhos na seara das letras nacionais, o professor se identificou. E, pudemos dizer, após a convivência, que ambos Afrânios mantiveram o apuro e cuidado com a nossa Literatura, com a diferença, soubemos mais tarde, da suplementação que o professor realizou em seu caminho próprio, em sua diferença de identidade e formação, na sua preocupação dedicada com o Ensino, com o ensino de Literatura.



Professor Dr. Afrânio Câmara

Entrevistador: Como seu caminho formativo influenciou sua trajetória como professor e pesquisador na UERN?

Afrânio Câmara: *Caminho formativo* – que termo complexo, a dizer um percurso ainda inacabado... Ministrando uma aula de Literatura e Ensino na Pós, já no *Profletras*, em parceria com uma querida colega do nosso DLV/Assu, professora Lílian Rodrigues, ela de repente propôs uma atividade para todo o grupo: falar sobre a nossa trajetória inicial como leitor, como apreciador do texto literário, e isto deveria começar por quem estava à frente da turma. Fui sorteado, a coisa começou por mim. Lembro que travei na hora, pois era tanto o constrangimento. Eu não tinha uma narrativa interessante para apresentar à turma, naquele momento. Menino simples, do interior, desprovido de tantas coisas, não me vinha à memória qualquer percurso como menino leitor, apreciador de textos, autores, alguma obra literária em particular. Para espanto da turma e da colega professora, creio, disse que

lembrava de uma trajetória assim, iniciada já na minha graduação, na UFRN, pois no Ensino Médio também não me ocorrera algo parecido. Assim, falei do impacto que me causou ler *São Bernardo*, de Graciliano Ramos. E melhor, os sentimentos provocados por aquela leitura, já na Universidade, despertaram em mim evocações de leituras, emoções anteriores quando criança, até aquele momento como que ausentes em minha memória de leitor: lembrei, então, de alguns poemas de Cecília Meireles e especialmente “Trem de ferro”, do Bandeira, este até mesmo cantarolado repetidas vezes a balançar numa rede.

Isto é, somente na Universidade, com alguma noção do que seria Literatura, pude me dar conta de que já lera, menino, textos com teores e sabores assemelhados a *São Bernardo*. Encantei-me pela Literatura, e tentei fazer disto o meu caminho como professor.

Entrevistador: Em sua opinião, como a Literatura pode influenciar a identidade cultural e a sociedade contemporânea?

Afrânio Câmara: A Literatura como influenciadora de identidades, de comportamentos sociais, culturais... Saudades de tempos mais antigos, de poderes maiores para a palavra poética. No entanto, há práticas contemporâneas que parecem redimensionar o poético, e nos encham de esperança. São exemplos o revigoramento do conto, da narrativa mais curta; a explosão de cursos de exercícios de ficção, de escrita criativa em redes sociais; uma presença marcante da força poética de grupos socialmente mais vulneráveis, como o *slam*, a aldravia; experimentos literários vários na Internet; um certo revigor para a página literária com ficção de fantasia; temáticas inovadoras povoando e, mesmo fundamentando o texto literário, como negritude, ancestralidade, diversidade sexual e de gêneros, identidades diversas; uma volta da magia, da fantasia com tons ainda mais vibrantes... Penso que as experimentações de linguagem e de forma, por exemplo, mais constantes na estética modernista, ou em seu

volteio, agora dão vez a experimentos temáticos, de conteúdo. Quem influencia o quê ou quem, ou que recebe mais influências, me parece algo ainda não comentado, pelo menos não refletido suficientemente. Um bom objeto para pesquisas.

Entrevistador: Qual é a sua abordagem crítica em relação à Literatura Brasileira contemporânea, a contar as produções norte-rio-grandenses e o ensino?

Afrânio Câmara: Eita. Eu defendo, conforme resposta anterior, que a literatura brasileira contemporânea desenvolve a sua forma própria de respirar, de se manter viva. Algumas maneiras não convencionais que, naturalmente, assustam o leitor que já conheceu e se encantou com páginas anteriores. Quanto à Literatura potiguar, mais especificamente, ainda se mantém tímida se comparada à nacional, digamos. Nomes como Nísia Floresta e Câmara Cascudo, por exemplo, são nomes fortes no cenário nacional, e mesmo internacional. Faltam-lhes, ainda, pares à altura. Claro que há esforços notáveis e contribuições sobremaneira admiráveis, como Jorge Fernandes, Zila Mamede, Renato Caldas, Humberto Hermenegildo e muitos outros nomes contemporâneos. A ausência de disciplinas obrigatórias, (ainda), que discutam e promovam a Literatura potiguar em alguns Cursos de Letras, como o da UERN, por exemplo, é certamente sintomática.

Entrevistador: Como professor e pesquisador em Literatura, diga-nos por que há, ainda, uma distância entre a produção literária e a educação?

Afrânio Câmara: Interessante esta questão. Interessantíssima. Vez por outra refletia com os meus alunos. Por que as crianças gostam tantos de histórias de aventuras, enredos com bichos, fadas, monstros, heróis, vilões... poemas com trocadilhos, rimas, ritmos interessantes? E por que, à medida que crescem vão perdendo o interesse por esse tipo de leitura? Claro que estamos

generalizando, mas é muito comum encontrar-se concordâncias para tal generalização. O que acontece com a escola, com a chamada escolarização literária? O que acontece com os leitores mirins que precisam crescer? O que houve, o que há com a mediação literária? Há problemas com o fazer literário, autoria e obras que não acompanham devidamente o crescimento das crianças? Enfim, há estas perguntas e tantas outras que nos parecem sempre abertas, sem respostas convincentes. Digo sempre aos meus alunos que Pedagogia e Letras precisam ser cursos ainda mais parceiros, complementares. Costumam ser muito segregados, voltados para o próprio ventre. A tal da formação continuada, muito propalada no meio acadêmico, tem semântica quase sempre dirigida para os ciclos de formação adulta.

Entrevistador: De que forma a Literatura pode ajudar a construir e refletir identidades culturais, especialmente no contexto da produção no Nordeste?

Afrânio Câmara: Sim, eu creio que o texto poético pode ajudar a construir perfis sociais, identidades culturais. Tenho uma vida inteira de trabalho que corrobora esta afirmação. No entanto, sei que as influências hoje são muito diluídas, fragmentadas, com força fugaz, transitória, efêmera muitas das vezes. Este poder vem se fragilizando modernamente, mas há força resiliente, sim. Aposto nisso. Quanto à realidade do Nordeste, não é diferente. No entanto, como Orientador de pesquisas na área de Ensino da Literatura, tenho acompanhado de perto o vigor de produções que redimensionam a prática escolar com cordéis, contos e recontos populares, repentes, adivinhas, parlendas...

Cito esses elementos mais próximos do que é mais convencionalmente chamado de

Literatura Popular, mais aparentada com a Cultura Nordestina. Ah, mas o Nordeste não se resume, não se restringe à expressão poética de tais elementos. O Nordeste de nomes como Castro Alves, José de Alencar, Patativa do Assaré, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, Ferreira Gullar, Mariane Bígio, Manuel Bandeira, Nísia Floresta, Ariano Suassuna, Itamar Vieira Júnior, Socorro Acioly, Câmara Cascudo e tantos outros nos diz que a *literatura nordestina* é muito maior do que os seus chavões acadêmicos.

Entrevistador: Quais são os principais desafios e facilidades que o senhor enfrentou ao orientar estudantes em suas pesquisas?

Afrânio Câmara: Citando desafios. O maior deles sempre foi comigo mesmo. Invariavelmente, me senti inseguro diante do meu percurso formativo, minhas crenças enquanto professor e pesquisador. Sempre perscrutando possibilidades. Mas sempre aceitei os desafios de ideias propositivas trazidas pelos meus orientandos. Sempre embarquei, como se diz, em suas propostas. Tentei ajudar, colaborar com o que tinha em mão. Penso que não acertei sempre – pelo menos, na medida pretendida.

Entrevistador: Professor, agradecemos imensamente por sua generosidade de aceitar esta conversa, em que pode olhar para o passado como formador. Espero que tenha gostado tanto como nós. Gostaríamos de deixar um espaço caso queira fazer algumas outras considerações. Esteja, então, à vontade para falar suas palavras finais nesta entrevista.

Afrânio Câmara: Agradeço imensamente. Senti-me deveras honrado, embora tenha apenas combatido o bom combate, como diria o apóstolo Paulo. Acabado a carreira... Será?

ISSN 2965-6192



RE VIS TA **Sarau**

Volume 5 · Número 15 · Julho | Agosto de 2025

POESIAS · CONTOS · CRÔNICAS · ARTES VISUAIS

Raymundo Netto
Anna Mello
Bert Junior
Clóvis Wey
Denis Amaral
Ingrid Konrath
Monique de Magalhães
Simony Peres
Tânia Pino

**MIA
COUTO**

**VANESSA
PASSOS**

Próxima edição da Revista Sarau.
Envio de textos até 25 de Maio de 2025.
E-mail: revistasarau2@gmail.com